



Relatório 2021

INTRODUÇÃO	3
A urgência em apoiar as comunidades locais (Cristina Orpheo)	4
O tamanho da desigualdade e como a filantropia pode fazer mais (Maria Amália Souza e Cristina Orpheo)	7
Nossa participação no campo da filantropia	13
QUANTO O FUNDO CASA JÁ DOOU E PARA QUEM?	15
Para quem doamos em 2021	17
ATUAÇÃO DOS PROGRAMAS DO FUNDO CASA EM 2021	22
Casa Amazônia	23
Casa Sul-Americano	24
Casa Rios e Oceanos	25
Casa Cidades	26
Casa Fortalecendo Comunidades	27
Fundo Emergencial para apoio a defensores de meio ambiente (Região Norte)	28
Apoios para o enfrentamento da covid-19	29

FORTALECIMENTO DE CAPACIDADES	31
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E APRENDIZADOS – COMUNICAÇÃO	33
RESUMO DE 2019-2021	36
PARCEIROS FINANCEIROS DO FUNDO CASA EM 2021	40
RESUMO FINANCEIRO	41
CONCLUSÃO	43



INTRODUÇÃO

“ O apoio não foi apenas relevante. Sem esse apoio, a Brigada não teria conseguido atuar em 2021, pois a maioria dos brigadistas estava sem EPIs básicos e não conseguimos outras fontes de recurso para essa finalidade, além do projeto apoiado pelo Fundo Casa. No segundo semestre de 2021, aconteceram muitos incêndios na nossa região e a nossa Brigada foi muito ativa até meados de outubro, quando começaram fortes chuvas que perduram até hoje.”

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DA BRIGADA
GAVIÕES DA CHAPADA





TAMIRIS FERREIRA DE JESUS. FOTO: THIAGO RODRIGUES/QUILOMBO DOS RUFINOS.

A URGÊNCIA EM APOIAR AS COMUNIDADES LOCAIS

*Por Cristina Orpheo
Diretora Executiva do Fundo
Casa Socioambiental*

Nos últimos anos, vivemos assombrados pelos eventos extremos. Ora são incêndios florestais assolando várias regiões do mundo, ora chuvas torrenciais provocando enchentes, sem falar da seca intensa, que afeta cidades e comunidades. Somado a esses fatores, crises sanitárias que abalam a saúde de milhares de pessoas, como a dos indígenas, afetada pelos incêndios e pela fumaça tóxica, e a das populações ribeirinhas, que consomem peixes contaminados por metais pesados. Muitas vezes, esses cenários estão tão distantes de nós que não nos damos conta de que milhares de pessoas sofrem os impactos dessas transformações mundo afora, até o momento em que nos vemos em uma pandemia e passamos a sentir na pele o que muitas pessoas já sofrem há tempos.



Além desse evento pandêmico vivido pela humanidade, avança a crise econômica, que prejudica, principalmente, aqueles que já lutavam diariamente para sobreviver, sobrando apenas o sentimento de “terra arrasada”.

Há décadas, pesquisadores estudam a desigualdade social no Brasil, e, ano após ano, os governos são incapazes de construir políticas públicas que revertam esse quadro. Os direitos socioambientais ainda são violados. O sistema capitalista parece não ter planos para mudar o atual modelo de desenvolvimento econômico predatório. E o modelo que privilegia o baixo carbono ainda parece um sonho distante. Os planos de desenvolvimento ainda continuam a prever megaprojetos

de energia e transporte, além dos projetos extrativistas agressivos que invadem florestas e biomas importantes para toda a vida no planeta.

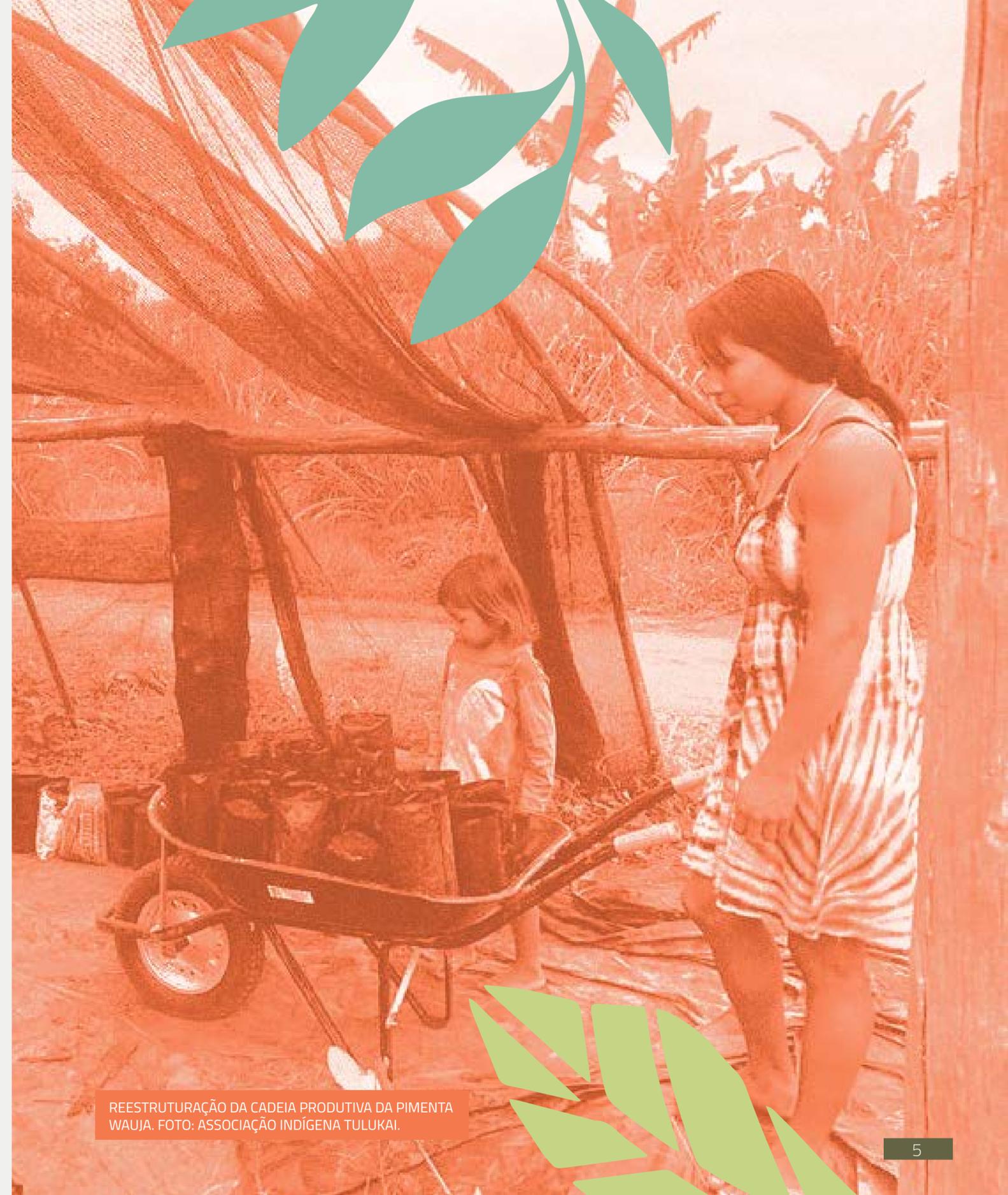
No entanto, existe em curso uma revolução silenciosa, ignorada pela sociedade e pelos governos. Há centenas de anos, os povos tradicionais e originários realizam um trabalho silencioso, capaz de proteger os ecossistemas e, com isso, proteger a vida na Terra. Hoje, esses povos estão na linha de frente da proteção das florestas e dos ecossistemas. Eles são os líderes de base e ativistas que dedicam a vida para impedir os danos causados pela exploração, para inspirar suas comunidades a construir uma economia nova e igualitária, que beneficie todas as pessoas.

Defensores dos próprios territórios ancestrais, da floresta, dos rios, da biodiversidade e do modo de vida, essas lideranças conhecem as comunidades porque são parte delas. Contra todas as probabilidades, dedicam-se à ideia de que podemos ter comunidades resilientes o suficiente para suportar os efeitos crescentes

das mudanças climáticas. Silenciosa e até invisivelmente, usam os conhecimentos tradicionais, praticando e construindo negócios democráticos, justos e sustentáveis, que irão ancorar uma transição para um futuro de baixo carbono.

Por isso, devemos financiar soluções de base desenvolvidas pelas comunidades locais, tanto em ambientes rurais quanto urbanos, com o apoio financeiro direto para povos indígenas, ribeirinhos, pescadores artesanais, entre outros povos. Não apenas porque as comunidades costumam ser as mais afetadas pela economia extrativa, mas porque devemos honrar as experiências e a sabedoria delas, cruciais para criar uma economia regenerativa e curar nossas relações com o planeta e com os pares.

E o mais importante: não basta apenas apoiar com recurso financeiro. É necessário, nesse processo, reconhecer o poder de tomada de decisão, o protagonismo local. São fundamentais promover a democratização no acesso aos recursos



REESTRUTURAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA PIMENTA WAUJA. FOTO: ASSOCIAÇÃO INDÍGENA TULUKAI.

financeiros da filantropia e criar condições para o controle comunitário desses recursos. As comunidades locais necessitam ter poder nas tomadas de decisões que impactam as próprias vidas, possibilitando que elas – tanto urbanas quanto rurais, ribeirinhas, florestais e tantas outras – possam sobreviver e prosperar. Com isso, todos do planeta ganham.

Portanto, qualquer financiamento dedicado à mudança de sistemas e ao enfrentamento de crises agudas ou crônicas – econômicas e climáticas que estejam interligadas ou até mesmo de pandemias, como foi a de covid-19 –, não deve apenas distribuir recursos, mas, fundamentalmente, transferir o poder, reconhecer o protagonismo local.

Temos de construir processos seguros para que os recursos cheguem até as comunidades.

Nesse sentido e atuando nessa premissa, estão os Fundos Locais para a Justiça Social, que trabalham com um relacionamento próximo com os movimentos sociais de base, dentro de um conjunto de valores, práticas compartilhadas e de confiança em torno do protagonismo local e da valorização do trabalho coletivo. Os Fundos Locais criaram uma tecnologia para fortalecer esses grupos comunitários, promovendo a autonomia e a independência.

Os principais aprendizados do Fundo Casa, com 17 anos de atuação, sobre a tecnologia social nas áreas de atuação estão descritos a seguir.

- **Comunidades protagonistas** – A atuação deve ser baseada no reconhecimento das comunidades como sujeitos políticos, protagonistas dos processos de transformação local.

- **Inovação e escuta** – O apoio aos pioneiros e o instinto particular em conhecer as demandas e as necessidades das comunidades são grandes ativos dos Fundos Locais, assim como ter um processo de profunda escuta das comunidades como norte das ações a serem implementadas, e que elas sejam protagonistas no processo de transformação.

- **Atuação em redes** – Os desafios são enormes e, por isso, a atuação em rede é fundamental, seja fortalecendo as já existentes ou respondendo às demandas de se criar novas redes. Um elemento desse aproveitamento é na área da informação e da produção de conhecimentos. As organizações da sociedade civil gerenciam grandes quantidades de informações e conhecimento sobre os territórios em

que se localizam, em projetos de desenvolvimento sobre os povos indígenas/tradicionais etc.

- **Metodologia assertiva** – Todo o processo de seleção, aprovação e monitoramento dos projetos conta com uma grande rede colaborativa nos territórios, o que potencializa, de forma exponencial, nossa capilaridade e nosso alcance em relação aos grupos mais distantes – dentro de processos e vínculos em relações de confiança.

- **Foco em doações** – O Fundo Casa destina mais de 70% do orçamento a doações diretas para grupos comunitários, segundo análises recentes realizadas por auditoria externa.

- **Fortalecimento de capacidades** – As ações de fortalecimento de capacidades desenvolvidas junto aos grupos são consideradas estratégicas, complementares aos apoios, criando condições de autonomia dos grupos, disponibilizando um conjunto de ferramentas e conhecimentos.





FOTO: THIAGO RODRIGUES/QUILOMBO DOS RUFINOS

O TAMANHO DA DESIGUALDADE E COMO A FILANTROPIA PODE FAZER MAIS

Por Maria Amália Souza (Fundadora e Diretora de Desenvolvimento Estratégico) e Cristina Orpheo (Diretora Executiva)

A tão falada desigualdade social no Brasil nunca foi tão escancarada como no período da pandemia de covid-19. Enquanto uma faixa da população seguiu os trabalhos em home office, viu os lucros aumentarem pelo e-commerce e presenciou os filhos estudando por meio de plataformas virtuais e com acompanhamento on-line, outra parte viu as já escassas fontes de renda se esvaírem. Para muitas pessoas sem condições de pagar os valores de aluguéis, restou a rua. Para centenas de crianças, a escola virou algo distante. Para uma boa parte dos brasileiros, a fome passou a assombrar novamente.

E, para a nossa tristeza, o abismo da desigualdade social ganhou muitos metros a mais.



A pandemia parece começar a ganhar ares de controle. Por outro lado, os estragos e as dores que ela provocou poderão levar anos para serem consertados e curadas, respectivamente. Teria sido diferente se vivêssemos em uma sociedade mais igualitária, onde todos tivessem os mesmos acessos e as mesmas oportunidades para ter enfrentado a crise gerada pela covid-19.

Diante de tudo isso, perguntamos diariamente: o que precisamos fazer para que essa transformação ocorra e o fantasma da desigualdade não siga aumentando a cada dia? O que, de fato, é necessário para virarmos esse jogo? A filantropia é uma solução ou ela é parte do problema?



TREINAMENTO DA BRIGADA COMUNITÁRIA DA APA BAÍA NEGRA E ALDEIA MÃE TERRA. FOTO: VICTOR HUGO SANCHES

UM CAMINHO – A filantropia para a justiça social pode ajudar a construir esse caminho, trilhado a partir do reconhecimento de quem são os verdadeiros protagonistas nos processos de transformação, reconhecendo que o poder das decisões deve ser das próprias comunidades, aquelas que, de fato, estão na linha de frente das injustiças raciais, de gênero, de saúde, de meio ambiente, de clima, de habitação e de outras formas de violação de seus direitos e seus territórios.

UM DESAFIO – A filantropia não é uma solução pronta. Ela exige um olhar treinado, um pertencer a esse universo e um processo desenhado em parceria com as pessoas que vivem os desafios. É uma arte fazer com que os recursos cheguem de

forma cuidadosa, sem sobressaltos nas relações locais, na medida, para elevar e consolidar as ações, e não melindrá-las ainda mais.

Contudo, essa forma de fazer nem parece estar no rol de opções da maioria da filantropia de alto escalão, inclusive vindo de ainda mais longe, de todo o campo da cooperação internacional. Dentro essa visão, tanto as fontes particulares, quanto as empresariais e governamentais, sempre trataram os grupos mais vulneráveis como “clientes” das suas ações. A distância entre essas duas realidades é tão imensa que essa visão convencional, estruturada, e porque não dizer antiquada, sempre tem tratado as comunidades mais excluídas e vulneráveis de nossa sociedade como se não tivessem nenhuma capacidade de

solucionar os próprios problemas. As soluções, nessa visão distante, têm de vir, obrigatoriamente, da visão de “experts”. Pessoas sem educação formal ou que vêm de tradições culturais originárias não são vistas como protagonistas das suas próprias vidas por esse distante universo. Em geral, são percebidas somente como os beneficiários de algum tipo de caridade que possa vir em sua direção; como receptores passivos, e não como atores. Por isso, nessa visão, as soluções sempre precisam vir de fora – uma instituição que faz o papel de executor em prol dessas populações, para receber, geralmente, quantias generosas de recursos, e para executar soluções pensadas “para” e não “por” essa população considerada “incapaz”.





Claro que esse universo não é binário. Existem muitas tentativas dentro desse espectro de atores, que vem desse patamar de possibilidades financeiras, de fazer diferente, de se aproximar mais dos grupos com quem pretendem trabalhar, ouvir, entender. Mas mesmo aí há uma distorção não intencional, não esperada, e na maior parte das vezes não percebida até que seja tarde demais para corrigir — é muito difícil que indivíduos de posse, com todas as melhores intenções, obtenham as informações mais claras e objetivas dos grupos com quem pretendem se aliar e apoiar — principalmente quando esses grupos tem um histórico de décadas ou séculos de exclusão. As expectativas de ambos os lados são muito grandes, e, vamos dizer, desniveladas. São universos muito distantes, onde a objetividade não tem quase espaço para existir. Às vezes a melhor das intenções não é suficiente para que os melhores resultados sejam possíveis. Portanto, nem sempre a falha vem daqueles posicionados no alto da pirâmide, mas da própria incompatibilidade de visões de mundo.

É exatamente aí onde precisamos olhar com mais atenção para alguns blocos dessa estrutura, aos quais nos acostumamos tanto e que viraram status quo aparentemente inquestionáveis. Partiremos de alguns pontos:

O PODER – Precisamos retirar os filtros que mascaram as estruturas de poder a partir de onde estamos (as nossas organizações) para quebrar todos os paradigmas de reprodução desse sistema que causa essa mesma desigualdade que rejeitamos, mas que acaba penetrando em todas as instâncias das nossas organizações. O antídoto será sempre identificar as formas de “poder sobre” e desmantelá-las bloco por bloco, para recriar, em seu lugar, relações horizontais. Isso vai desde os processos decisórios, de hierarquias, até os cuidados e o exercício focado no respeito a quem colabora conosco. Cada dimensão de poder deve ser analisada e desmontada, para que se possa criar o “poder com”, que é diferente de desfuncionalidade. Há relações que podem ser



TREINAMENTO DA BRIGADA COMUNITÁRIA DA APA BAÍA NEGRA E ALDEIA MÃE TERRA. FOTO: VICTOR HUGO SANCHES

de reconhecimento de valores individuais, enquanto ainda permitem uma distribuição de tarefas e de responsabilidades específicas e atribuíveis.

O TEMPO – A filantropia precisa, também, lidar com o tempo necessário para a transformação e investir a médio e a longo prazos. Não se muda realidades onde houve e há direitos violados, dores e sangue por décadas, em cronogramas de 12/24 meses. Quando se parte da premissa de que quem tem o dinheiro dita as regras, e se empresta regras da prática corporativa para atuar no social, limita-se muito o universo de atuação – e, com isso, o real impacto social que um investimento financeiro poderia produzir no mundo. Isso quando

esse efeito não se torna negativo e piora, ainda mais, as circunstâncias. A chave para fazer bons investimentos nesse grande objetivo é saber que, para mudar o mundo, temos de ter persistência, dedicação e muita paciência.

OUTSCALING – Esse termo, mencionado por Ashish Kothari, do Global Tapestry of Alternatives, faz todo o sentido para nós, no campo da filantropia para a justiça social. Sabemos que as populações vulneráveis dentro de territórios de grande biodiversidade são fundamentais para a proteção do próprio bioma e que viabilizar uma economia sustentável nessas regiões é uma das grandes respostas para estimular a conservação e a regeneração locais. Contudo, tem nos preocupado as abordagens genericamente

chamadas de Investimentos de Impacto Social. E isso quando utilizam o mesmo modelo de estimular o consumo de alguns produtos específicos em cadeias de produção, incentivam comunidades a aumentar essa produção – por ser o que tem mais procura do mercado – em detrimento da grande variedade de espécies que tradicionalmente cultivam e com as quais contam, na medida certa, para produzir uma renda digna. Essa atuação, agregada ao conceito de “upscaling” da produção, que flutua com a demanda (ou não) do mercado, em vez de produzir soluções, pode aumentar, ainda mais, o abismo da desigualdade e ser arrebatador para uma comunidade. Por isso, trabalhamos com a ideia de “outscaling”, que estimula a produção possível de cada produto por uma infinidade de



comunidades, fazendo com que cada espécie seja cultivada e manejada de acordo com as condições de cada território, e que, ao mesmo tempo, a combinação das produções coletivamente combinadas faça uma real diferença na economia local, enquanto demonstra a viabilidade econômica da floresta em pé.

Onde estimular a economia e onde proteger direitos – Seguindo nessa lógica, o mercado é seletivo em sua lógica. Está buscando produtos que têm mercado e foca em como estimular a produção. Isso está bem em locais onde as condições estão já postas, onde os territórios estão garantidos e a comunidade está bem organizada, preferencialmente em cooperativas (algo, inclusive, comum em vários biomas). Contudo, se a primeira lógica é produzir demandas por produtos da biodiversidade no sentido de garantir a proteção e a sustentabilidade, é necessário, primeiramente, ver como esse território está ameaçado e em que instâncias (e são muitas) a comunidade está lutando para garantir suas ocupações tradicionais, sua demarcação, quais ainda não estão garantidas por lei (e, por isso, sofrem todo tipo de invasões ilegais). Geralmente, nessas

regiões, a violação de direitos é tão grande que quem tenta protegê-los sofre constantes ameaças e violências. O crescimento desses casos é tão agudo e notável que nos preocupa que esteja sendo deixado de lado nas amplas discussões sobre investimentos. Na maioria desses casos, a vulnerabilidade é tamanha que não há outra forma de abordagem que não a da filantropia para a justiça social, de forma cuidadosa, inclusive para não expor essas populações.

A COLETIVIDADE – Há um grande problema no campo de filantropia atual de inventar líderes individuais. Enquanto há, realmente, alguns indivíduos dentro dos grandes coletivos sociais – indígenas, quilombolas, comunidades de produtores familiares etc. – que se propõem a levar as vozes das próprias comunidades para instâncias maiores, e, portanto, se sobressaem aos demais, a insistência da sociedade ocidental em pinça-los para além do seu coletivo e visibiliza-los como líderes individuais é um dos maiores problemas que notamos nesse campo. Não só essa projeção aumenta o risco às próprias vidas num contexto politicamente altamente antagônico e perigoso, mas



FOTO: THIAGO RODRIGUES/QUILOMBO DOS RUFINOS

também causa uma série de problemas internos às suas comunidades, o que interfere no trabalho como um todo que este coletivo precisa realizar.

Tomamos a decisão, como um fundo local, de não contribuir para esse contexto. Por isso, sempre orientamos os financiadores internacionais para esses riscos. Ainda assim, essa abordagem reflete a cultura dos heróis e das heroínas do Ocidente, tão enraizados nessas culturas que essa discussão ainda precisará de tempo para amadurecer. Só esperamos que, enquanto isso se dá, não seja ao custo de mais vidas.

Entenda-se que essa não é somente uma questão de opinião. Visibilizar indivíduos, carregá-los para falar com governadores, reis, presidentes e corporações internacionais realmente é uma estratégia importante para influenciar governos e políticas, bem como para trazer a público essas importantes lutas. Contudo, depois que isso acontece, essas pessoas, sem muitas condições, voltam aos territórios de origem para enfrentar condições ainda mais adversas ao

trabalho e à própria vida, com mínimas condições de autoproteção. Como exemplo, há os casos emblemáticos de Chico Mendes, e Zé Claudio e Maria, para citar apenas dois. Por isso, o Fundo Casa tem buscado soluções que foquem sempre no coletivo, na liderança compartilhada como medida de proteção a essas populações tão ameaçadas.

O FUTURO – Temos um ator-chave para essa transformação: o jovem. O jovem negro, indígena, extrativista. Esse ator com o poder de luta, que ainda sonha e tem energia recicladora. Com acesso a mais ferramentas para essa transformação, para construir um futuro melhor, embasado e amparado na sabedoria ancestral dos mais velhos. Está dado o caminho. E essa é uma abordagem que exige persistência, dedicação e paciência, pois estamos construindo um alicerce forte e resistente. Apostar na formação e oferecer investimentos necessários são as premissas básicas para que essa transformação profunda e duradoura ocorra.

A esperança na colaboração – Para chegarmos lá, instituições de todo tipo, das filantrópicas às de investimento de impacto, precisamos

construir elos entre nossas organizações, usando as nossas diferenças e singularidades institucionais para construirmos uma corrente tão forte que não se romperá. Infelizmente, nossa sociedade está fortemente guiada pela competição. Mesmo entre a sociedade civil, provar o próprio valor para os outros, a fim de conseguir mais visibilidade e recursos, é prática comum. A filantropia em si é, em geral, desenhada para produzir competição, pois usa a visão da escassez para estimular uma corrida pelo recurso. Quem for melhor nos argumentos, mais hábil na narrativa, leva o prêmio do apoio. Isso promove o crescimento desmedido de alguns grupos, deixando a maioria dos “menos hábeis” totalmente de fora. Quando falamos das camadas da sociedade mais excluídas, elas não estão nem no radar desse universo. Contudo, onde estamos agora nesse mundo? Vemos avanços realmente? Ou a sensação é de constante retrocesso?

O Fundo Casa tem escolhido outro caminho: o da colaboração. Compartilhamos saberes, modelos e relações, bem como convidamos outras instituições a unirem-se às

nossas relações de confiança, assim como contamos com as redes de confiança nos territórios e ampliamos essas relações constantemente. Mantemos um foco na horizontalidade da nossa relação interna – equipe/conselho/rede de apoio – e entre nós e os grupos que apoiamos. Para nós, o que tem valor real é o protagonismo das comunidades mais vulneráveis, para que encontrem soluções. Somos os aliados delas. O recurso que temos para doar é uma ferramenta útil, mas não o que dita a relação. E, assim, modelamos constantemente, com palavras e ações, o mundo que estamos buscando construir. Se conseguirmos, juntos – nós que estamos na posição de viabilizar os recursos para os setores mais abandonados de nossas sociedades –, melhorar nossos diálogos, estarmos dispostos a ouvir, a analisar nossos próprios métodos de atuação, e estivermos dispostos a colocar o melhor de cada um de nós para que esse propósito comum seja realizado, estaremos, de fato, quebrando as correntes da competição, que afasta, fragiliza e cria abismos. E aí responderemos, com toda a certeza, que sim, a filantropia pode fazer muito mais.





FOTO: THIAGO RODRIGUES/QUILOMBO DOS RUFINOS

NOSSA PARTICIPAÇÃO NO CAMPO DA FILANTROPIA

O Fundo Casa dedica-se ao campo da filantropia para a justiça social e à democratização do acesso aos recursos pelas comunidades de base. Acreditamos na importância da colaboração e participamos de redes e alianças que ampliem nossa possibilidade de aprender e, também, contribuir com nossa experiência para as mais amplas discussões desse campo.

Ao longo de 2021, **Maria Amália Souza**, fundadora e diretora de Desenvolvimento Estratégico do Fundo Casa, participou como **palestrante em 18 webinários e/ou reuniões estratégicas** promovidas por reconhecidas instituições e redes do campo da filantropia nacional e global. Nesses eventos, representou o Fundo Casa e contribuiu com temas,

como a importância dos fundos locais do Sul Global e o que agregam ao consolidado campo da filantropia, o papel da proteção de grupos de base comunitária na manutenção dos importantes biomas que controlam o equilíbrio climático e os impactos desses câmbios nas suas vidas. Outros temas incluem a proteção dos direitos dos defensores e das defensoras ambientais, a justiça de gênero, a filantropia comunitária, a construção da filantropia nos países do Sul Global, entre outros assuntos. Além de Maria Amália, toda a equipe do Fundo Casa está ativamente presente em dezenas de encontros e reuniões sobre os mais variados temas que envolvem o campo da filantropia socioambiental no Brasil e no mundo.

O Fundo Casa participa de diversas redes que agregam financiadores e parceiros estratégicos.

- 🌿 **Rede de Filantropia para a Justiça Social.** Reúne fundos e fundações comunitárias, organizações doadoras (grantmakers) que mobilizam recursos de fontes diversificadas para apoiar grupos, coletivos, movimentos e organizações da sociedade civil que atuam nos campos da justiça social, direitos humanos, cidadania e desenvolvimento comunitário. São quatorze membros que se uniram para demonstrar que é possível apoiar diretamente grupos de base comunitária em relação a todos os temas de justiça social, para que proponham e desenvolvam as próprias iniciativas de soluções para as comunidades.
- 🌿 **Human Rights Funders Network.** É a maior rede global de fundações e fundos que investem nos direitos humanos nos mais diferentes aspectos e formas, como equidade racial, justiça de gênero, povos tradicionais, combate à escravidão moderna e muitas outras variações desses temas. O Fundo Casa faz parte do comitê coordenador dessa rede e contribui para fortalecer a perspectiva de fundos locais do Sul Global e o diferencial deles.
- 🌿 **Aliança Entre Fundos.** Formada por Fundo Baobá para a Equidade Racial, Fundo Brasil e Fundo Casa, essa aliança surgiu da mobilização comunitária pela justiça racial, social e ambiental para o enfrentamento da covid-19. Propõe um novo modo de atuação no ecossistema da filantropia no Brasil: a filantropia colaborativa para a justiça social.
- 🌿 **Alianza Socioambiental Fondos del Sur | Socio-Environmental Funds of the Global South.** Uma nova iniciativa, que reúne nove fundos socioambientais independentes da América Latina, da África e do Sudeste Asiático. Os fundos membros da aliança são locais, com atuação nacional ou regional, criados em diferentes países do Sul Global. Além de fazer doações diretas, cada fundo ajuda pequenas organizações a construir capacidades e no fortalecimento institucional.
- 🌿 **Edge Funders Alliance.** É uma rede de fundações dedicadas a fortalecer os movimentos sociais no mundo. Para isso, incentiva diálogos entre financiadores e movimentos de forma avançada e participativa. O Fundo Casa, além de membro dessa rede, contribui, há muitos anos, com o fortalecimento da participação de fundos locais do Sul nesse espaço.

QUANTO O FUNDO CASA JÁ DOOU E PARA QUEM?

“Ganhamos visibilidade e reconhecimento por parte do poder público e da sociedade de forma geral, que nos parabenizaram e isso possibilitou a ampliação de nossas ações.”

ASSOCIAÇÃO UNIÃO QUILOMBOLA
DE ARAÇÁ CARIACÁ



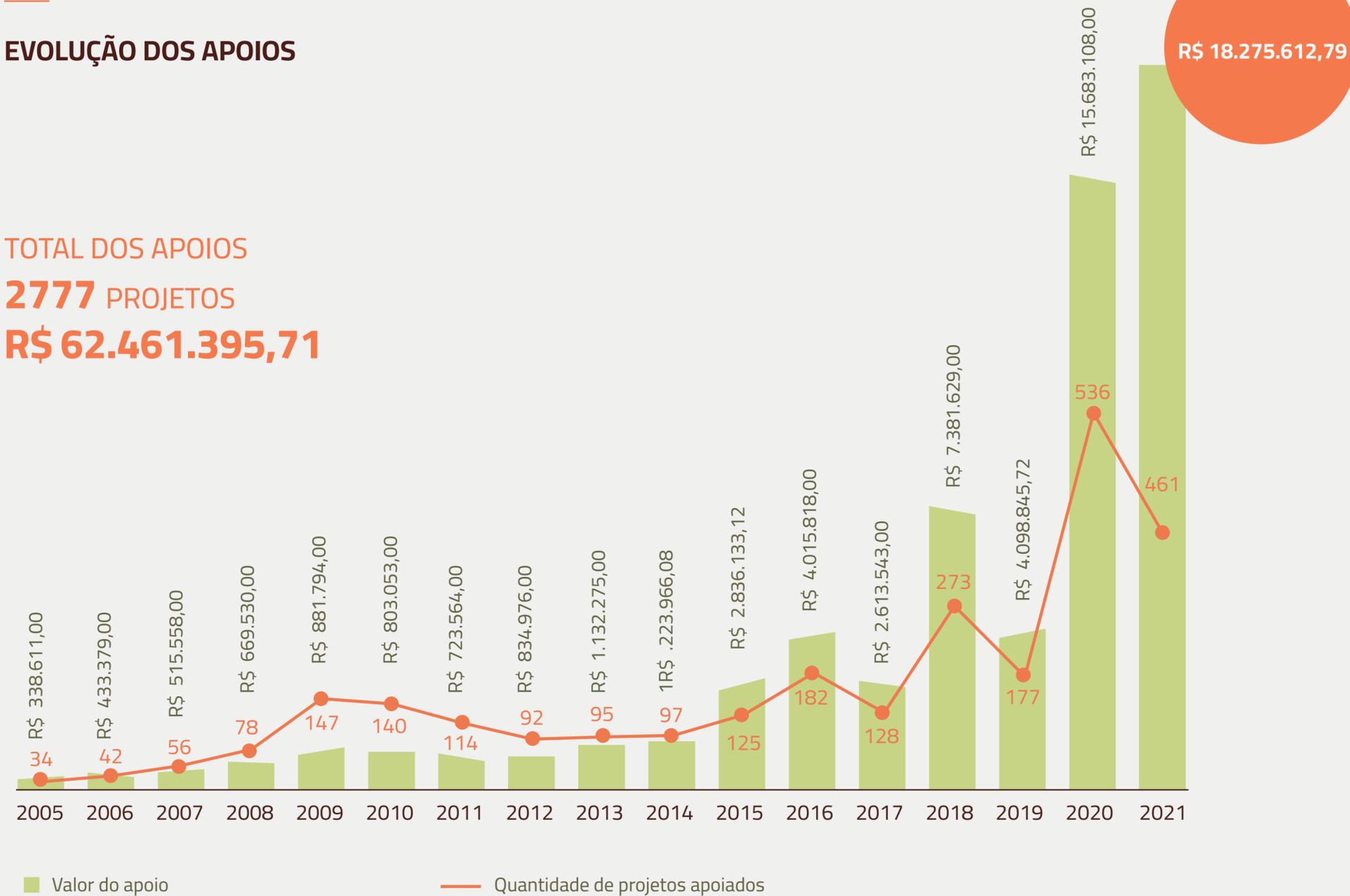
A principal missão do Fundo Casa é doar. E os números mostram que em torno de 70% do nosso orçamento é doado diretamente. Em números absolutos, já doamos para 2.777 projetos e mais de R\$ 62 milhões (mais de US\$ 15 milhões).

O Fundo Casa doa para grupos que têm menos acesso a recursos, bem como a grupos de base comunitária. O foco do apoio refere-se às comunidades indígenas e quilombolas, de pescadores artesanais, de extrativistas e a grupos de moradores que lutam para manter a integridade ambiental de seus territórios. Tais comunidades, que vivem em harmonia com o meio ambiente ao redor, também são as que mais trabalham na proteção dos biomas.

A maior parte dos apoios variam entre R\$ 20 mil e R\$ 60 mil. Entretanto, desde 2020, o Fundo Casa iniciou a realização de apoios maiores, com valores entre R\$ 150 mil e R\$ 500 mil, em uma experiência piloto.

EVOLUÇÃO DOS APOIOS

TOTAL DOS APOIOS
2777 PROJETOS
R\$ 62.461.395,71



PARA QUEM DOAMOS EM 2021

Em 2021, o Fundo Casa realizou 4 chamadas de projetos. E 461 projetos comunitários **do Brasil e do Paraguai** foram contemplados. Ao todo, **R\$ 18.275.612,79 (U\$ 3.535.017,85)** foram doados a eles. Muitos apoios foram direcionados para o enfrentamento dos impactos da covid-19, em especial em ações estruturantes, as quais contribuíram com a segurança alimentar das comunidades, bem como para pequenas ações de infraestrutura, como saneamento, acesso à água, agroecologia, energia, equipamentos para comunidades, entre outros, sempre conectados com a abordagem dos direitos humanos. Isso só foi possível devido a uma enorme rede em que estamos inseridos, que nos conecta a financiadores nacionais e internacionais, organizações estratégicas nos territórios, grupos de base e tantas lideranças e defensores do meio ambiente que são nossos olhos e ouvidos nos territórios.

CHAMADAS DO FUNDO CASA EM 2021



Apoio a Grupos de Base no enfrentamento da Covid-19 – Programa Fortalecendo Comunidades

CHAMADA



Apoio a Grupos de Base no enfrentamento de emergências climáticas provocadas a partir dos incêndios florestais

CHAMADA



Fortalecimento dos Direitos Territoriais – Programa Sul-Americano

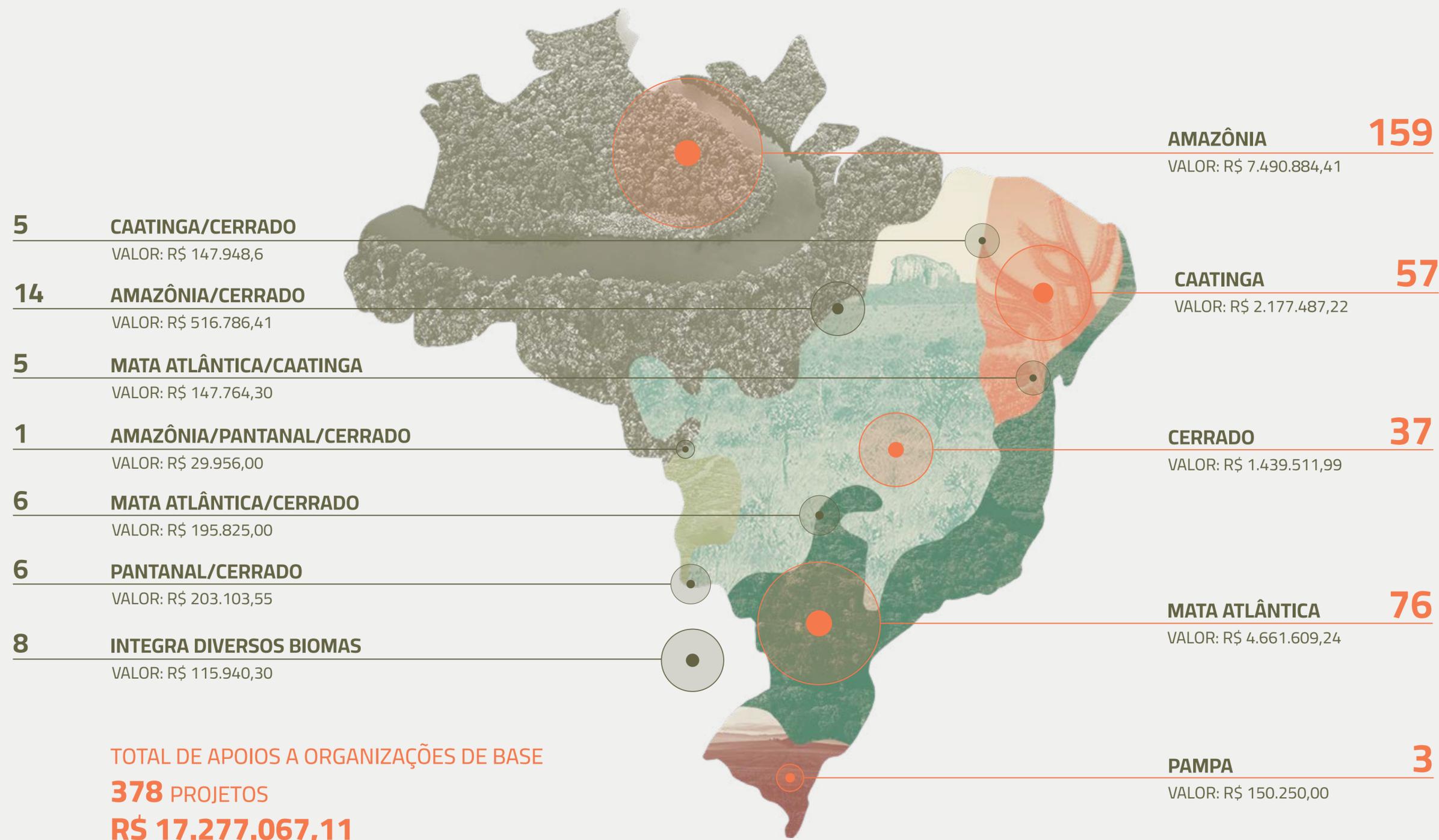
CHAMADA



Chamada de projetos para apoio às comunidades quilombolas no enfrentamento dos impactos causados pela Covid

CHAMADA

**PROJETOS
APOIADOS POR BIOMA**



TOTAL DE APOIOS A ORGANIZAÇÕES DE BASE
378 PROJETOS
R\$ 17.277.067,11

PARA QUEM DOAMOS EM 2021

876 VALOR: R\$ 32.042.277,91

43%

378 VALOR: R\$ 17.247.067,11 **94%**

PROJETOS APROVADOS:
coletivos e associações

84 VALOR: R\$ 998.545,68 **6%**

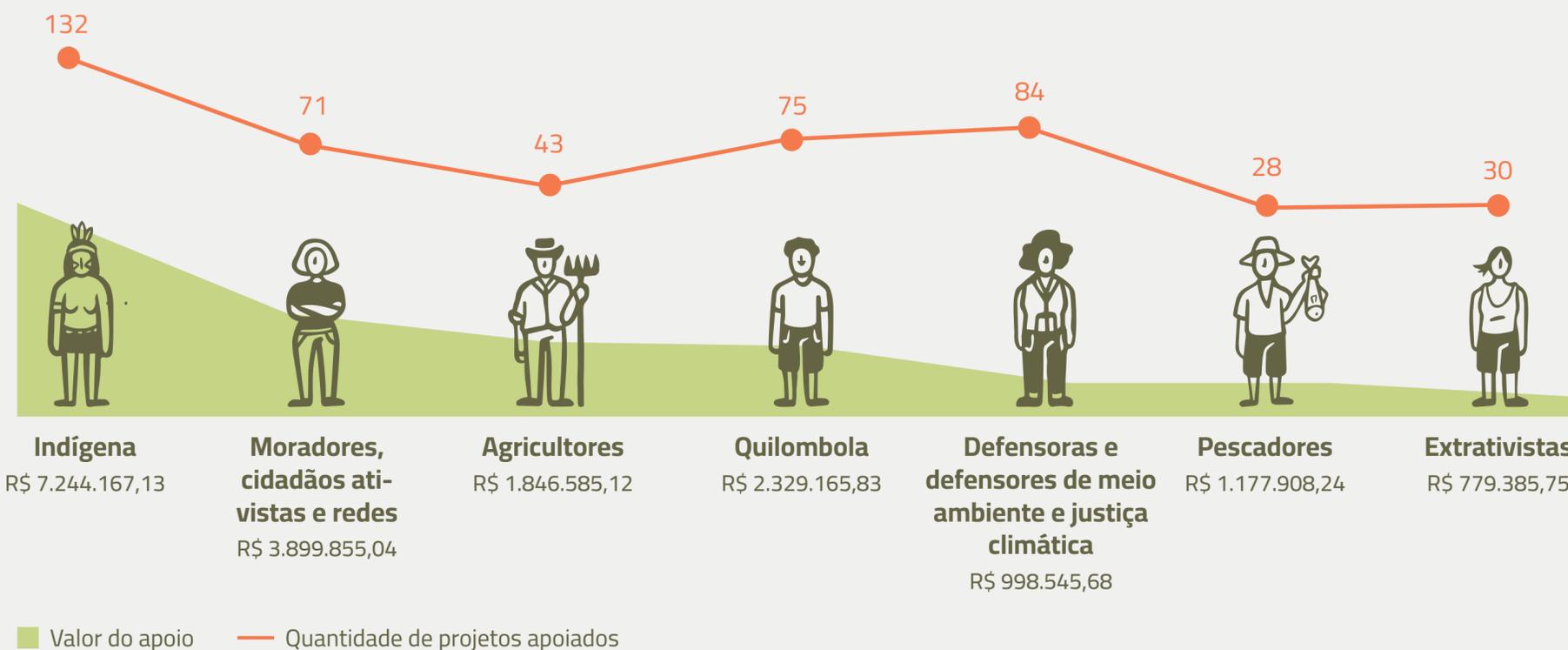
PROPOSTAS APOIADAS: defensores de
meio ambiente e lideranças indígenas

TOTAL GERAL DE APOIO*
462 PROJETOS
R\$ 18.275.612,79

*projetos aprovados e contratados em 2021; os desembolsos são em parcelas que podem ocorrer até 2022

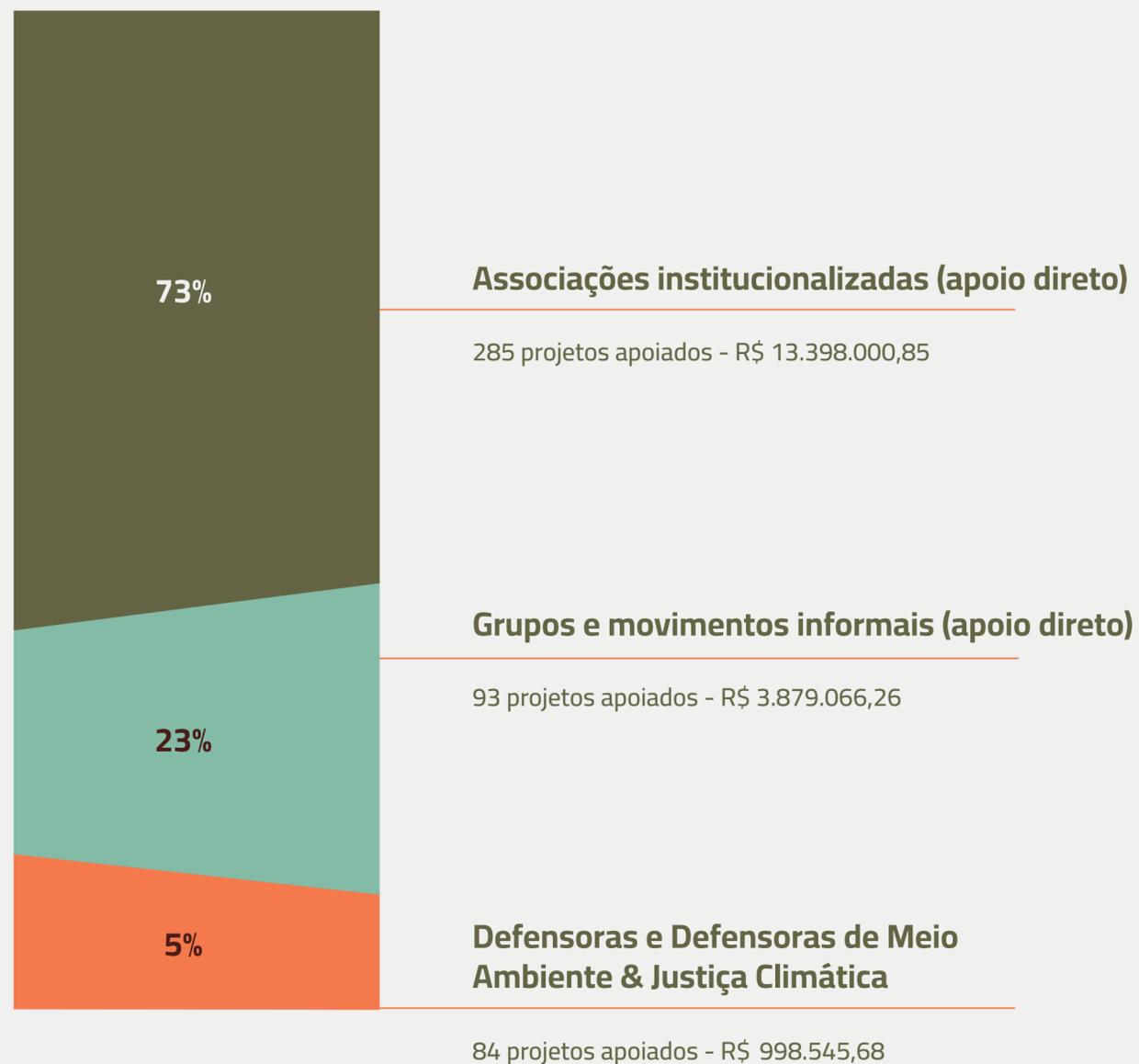
PROJETOS RECEBIDOS

Em 2021, ampliamos nossas doações para os grupos prioritários, como se vê a seguir.



PARA QUE TIPO DE ORGANIZAÇÕES DOAMOS

No Brasil, a maioria das comunidades estão organizadas em associações locais institucionalizadas como organizações sem fins lucrativos.



Entretanto, existem outros formatos de organizações não necessariamente formalizados: movimentos, coletivos e grupos de trabalho.

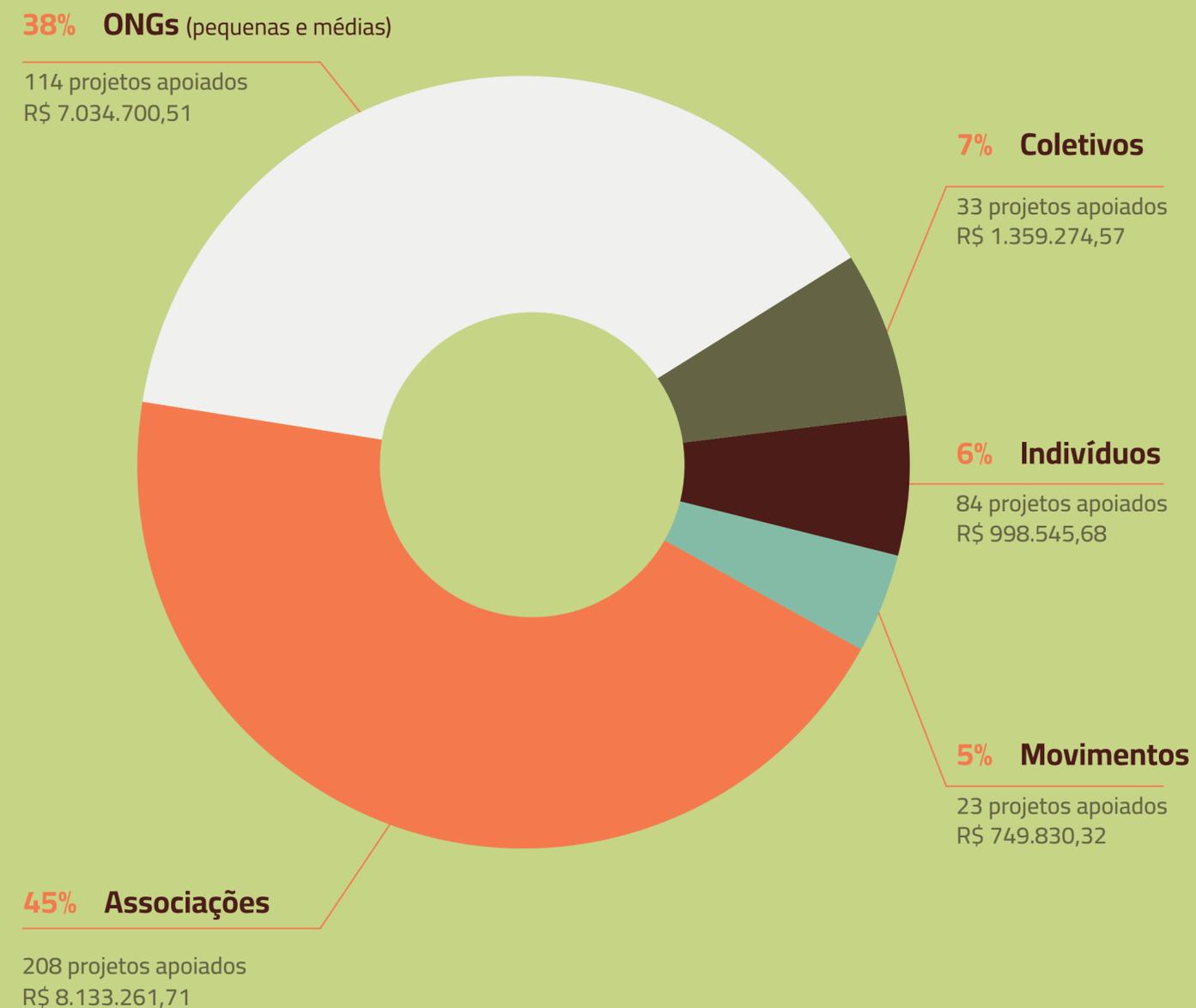




FOTO: THIAGO RODRIGUES/QUILOMBO DOS RUFINOS

ONDE ESTÃO OS PROJETOS APOIADOS

A maioria dos projetos apoiados se encontram no ambiente rural (florestas, Cerrado, Caatinga ou outras áreas no campo), mas o Fundo Casa também apoia grupos urbanos, especialmente projetos que promovam a conexão entre campo/cidade. Ressaltamos a importância dessa aproximação para a criação de uma consciência coletiva sobre o valor da proteção dos ecossistemas.

As comunidades também estão organizadas em Redes e Movimentos, que podem ter projeção e atuação nacional.

Ambiente rural (florestas, cerrado, caatinga ou outras áreas no campo)

308 projetos apoiados - R\$ 11.775.785,59



Ambiente urbano

50 projetos apoiados
R\$ 3.317.009,12



Projetos de atuação nacional

20 projetos apoiados
R\$ 2.184.272,40





ATUAÇÃO DOS PROGRAMAS DO FUNDO CASA EM 2021

“ Os nossos resultados foram além do qual estávamos esperando, pois formamos diversas parcerias que serão fundamentais para a continuação do nosso projeto.”

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO
CENTRO DE ANTERO DO SANTEIRO VIANA





CASA AMAZÔNIA

O foco deste programa, que atua no âmbito da PanAmazônia, é fortalecer os grupos e as comunidades amazônicas que desempenham um papel fundamental na conservação ambiental e no manejo da biodiversidade do bioma onde habitam.

No ano de 2021, o Fundo Casa ampliou os apoios às comunidades indígenas, extrativistas, ribeirinhas e de pequenos agricultores familiares. Foram 168 projetos na Amazônia, o que totalizou mais de 7 milhões de reais doados, apoios baseados na premissa de que esses atores, fortalecidos nos seus territórios, com

melhores condições de vida, possuem maiores chances de salvar esse grande bioma para as futuras gerações, garantindo o equilíbrio climático.

Os projetos, com respeito à voz e ao protagonismo, chegam a partir da vontade e da demanda das comunidades. Já a identificação do problema e da possível solução parte de quem vive a realidade.

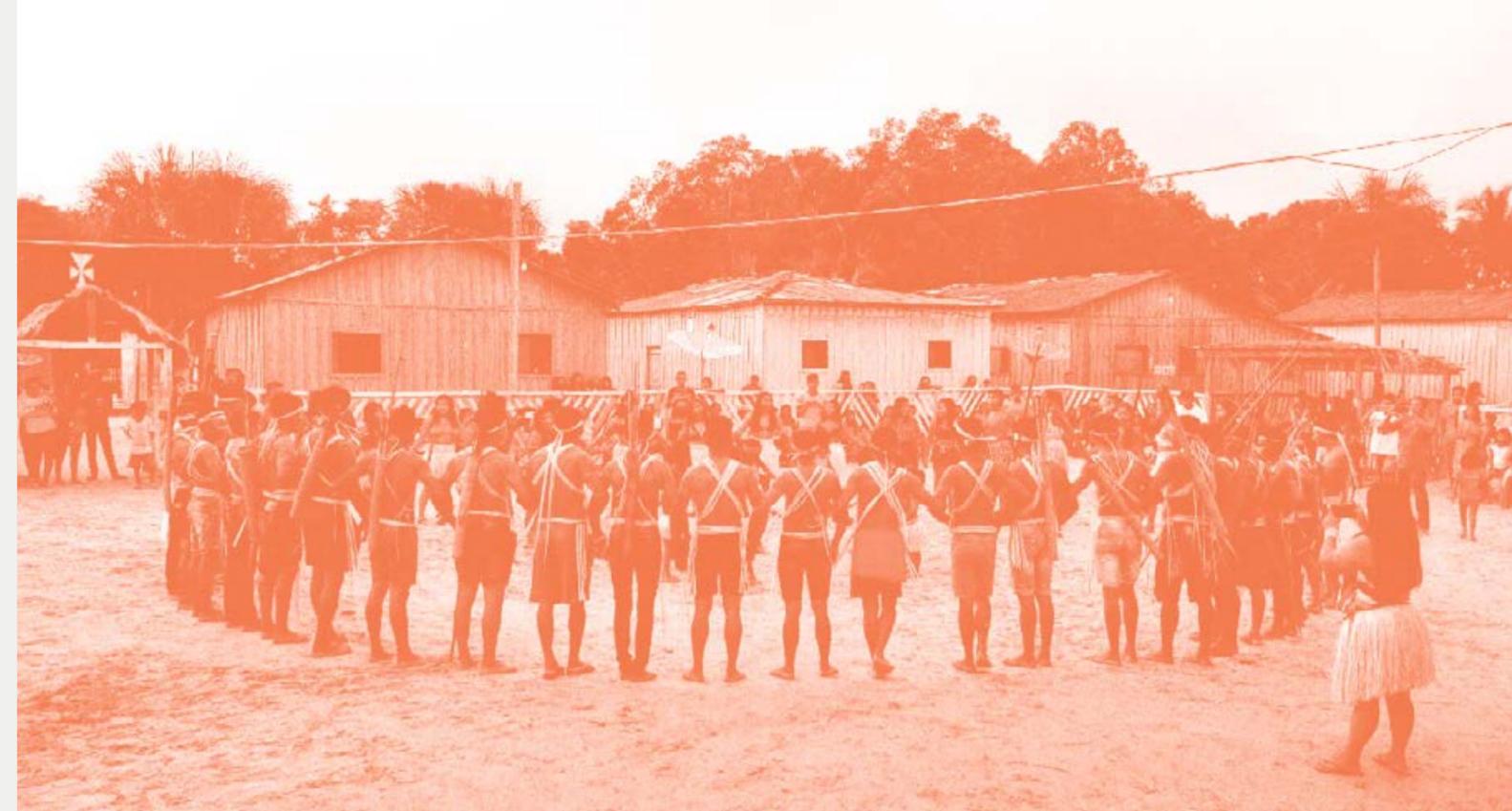


FOTO: APRESENTAÇÃO CULTURAL NA ALDEIA WAR O APOGPU – IPEREG

Em 2021, muitos projetos deste programa estiveram conectados com o Programa Fortalecendo Comunidades, respondendo a demandas do campo, com foco na resiliência das comunidades no enfrentamento às consequências da pandemia de covid-19. Também foram apoiadas iniciativas de produção e geração de renda aliadas à floresta em pé, defesa de direitos territoriais, incidência jurídica e política, gestão ambiental e territorial, fortalecimento institucional, criação de fundos locais e, ainda, uma chamada com foco no apoio a projetos de promoção, valorização, resgate e transmissão das culturas indígenas.



FOTO: ECO ICARAIZINHO. O MAR TAMBÉM É NOSSO! PROTAGONISMO DE COMUNIDADES TRADICIONAIS DA PESCA ARTESANAL FRENTE ÀS EÓLICAS MARÍTIMAS



CASA SUL-AMERICANO

Objetiva apoiar grupos afetados por megaprojetos que causam desequilíbrio, perdas socioambientais e culturais e que atravessam as fronteiras dos países da América do Sul. Com isso, buscamos vincular processos e ações locais a movimentos nacionais e transnacionais nos 9 países onde atuamos nos últimos 16 anos.

No período de 2006 a 2017, a maioria dos projetos recebidos pelo Fundo Casa estavam ligados aos impactos da exploração de hidrocarbonetos e à instalação de grandes usinas hidrelétricas. No entanto, nos últimos anos, vemos a expansão de termelétricas e de parques eólicos que ameaçam a continuidade de modos de vida tradicionais, devido à intervenção nos territórios.

Em 2021, o Programa Sul-Americano apoiou projetos de comunidades que buscam a justiça territorial e contestam os impactos de megaprojetos que afetam os biomas e os modos de vida tradicionais. Ao todo, foram 30 projetos apoiados dentro dessas temáticas.

O Programa Casa Sul-Americano também abriga os projetos apoiados por meio da **Aliança GAGGA (Global Alliance for Green and Gender Action)**, que busca revelar a potência natural da força criativa, sensível e realizadora das mulheres na busca por direitos negados historicamente e a luta por justiça ambiental, como o direito ao acesso à água limpa, à soberania alimentar, ao meio ambiente saudável e equilibrado. Nos últimos 5 anos, a parceria entre Fundo Casa e GAGGA

proporcionou o apoio a mais de 100 projetos no Brasil, na Bolívia e no Paraguai.

Nos últimos dois anos, o Fundo Casa ajudou a consolidar 5 novos fundos socioambientais locais: 4 na América do Sul – Bolívia, Peru, Colômbia e Equador – e 1 em Moçambique.

Como o único fundo dessa natureza para a região sul-americana, agora o Fundo Casa passa a compartilhar a própria experiência e o próprio modelo de apoio a grupos de base comunitária com aliados em toda a região.

Aos poucos, esse legado vai se consolidando e o Fundo Casa pode concentrar as doações localmente e fazer o trabalho estratégico de influenciar o campo da filantropia internacional para entender o valor dos fundos locais, a fim de fortalecer e resguardar democracias no Sul Global. Agora, cada fundo conta com os próprios financiadores diretos e nossa Alianza Socioambiental Fondos del Sur trabalha de modo a mobilizar recursos para todos os fundos de forma conjunta, ampliando nossa capacidade de responder às agendas de justiça socioambiental nas regiões onde atuamos.



CASA RIOS E OCEANOS

Objetiva fortalecer as organizações locais e as organizações estratégicas de representação dos pescadores artesanais, reconhecendo-os como os atores políticos mais importantes nos processos de conservação dos recursos naturais marinhos/costeiros/fluviais e na transformação social.

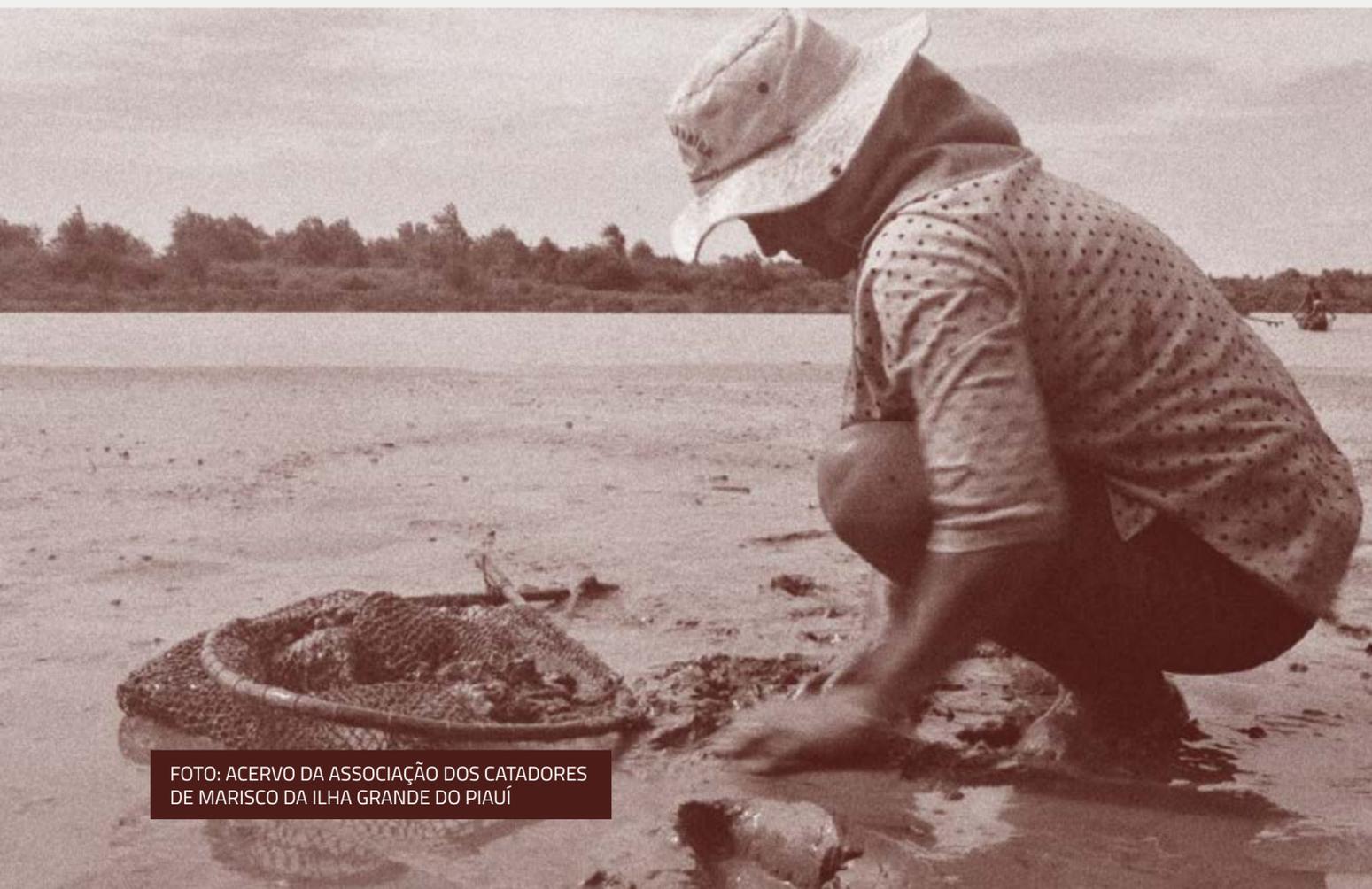


FOTO: ACERVO DA ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MARISCO DA ILHA GRANDE DO PIAUÍ

No ano de 2021, os apoios se deram no campo do fortalecimento institucional das organizações da pesca artesanal, do apoio aos movimentos populares da pesca artesanal para ações de incidência jurídica e política, bem como no apoio à criação das plataformas do Observatório da Pesca Artesanal, somada com a criação de um aplicativo de auto-monitoramento da pesca. Essa demanda, de mais de 10 anos do setor, se tornou realidade e dará visibilidade à produção da pesca artesanal no país. Ao todo, o Programa Casa Rios e Oceanos já doou, desde 2020, R\$ 1,2 milhão. Destes, R\$ 129 mil destinaram-se à criação das plataformas do Observatório da Pesca Artesanal.



CASA CIDADES

Objetiva apoiar grupos comunitários que atuam nas pautas do direito à cidade, cidades sustentáveis e na conexão entre o campo e as cidades.

Em 2021, o Casa Cidades apoiou grupos nas cidades amazônicas e nordestinas. Nas cidades amazônicas, a chamada teve como objetivo promover a participação e a incidência em políticas públicas, voltadas a mitigar e adaptar as comunidades frente às consequências das mudanças climáticas. Já nas cidades nordestinas, a chamada apoiou projetos que trouxeram propostas para aumentar a incidência na elaboração e implementação de políticas públicas que busquem garantir o direito às cidades e projetos que promovam as conexões entre campo e cidade e o trabalho em rede.

FOTO: ARQUIVO CERBAMBU RAVENA





FOTO: THIAGO RODRIGUES/QUILOMBO DOS RUFINOS



CASA FORTALECENDO COMUNIDADES

O foco deste programa é o fortalecimento das comunidades de base na luta por justiça ambiental, na defesa dos territórios e modos de vida e na aplicação de soluções locais para o bem viver.

Esse foi o programa que teve mais apoios em 2021, devido aos impactos da pandemia.

Dentro deste programa, surge o **Apoio a Grupos de Base no enfrentamento de emergências climáticas provocadas a partir dos incêndios florestais**, visando à preparação das comunidades para o enfrentamento do período da seca, que, a cada ano, se inicia mais cedo. Muitas vezes, as comunidades locais são as primeiras a chegar até os locais de fogo, principalmente nas regiões mais distantes dos grandes centros.

Se os incêndios forem combatidos no início, são maiores as chances de serem controlados antes que atinjam grandes proporções. A chamada apoiou 49 projetos de 12 estados localizados nos biomas Pantanal, Amazônia e Cerrado. Os projetos apoiados utilizaram os recursos para a realização de treinamentos e para a aquisição de equipamentos, como sopradores, drones e EPIs (equipamentos de proteção individual).

Ainda dentro do Programa Casa Comunidades, foi realizada a **Chamada de projetos para apoio às comunidades quilombolas no enfrentamento dos impactos causados pela covid-19**, com o objetivo de apoiar organizações, grupos e coletivos de pessoas negras e quilombolas, para que possam implementar iniciativas que contribuam com a recuperação e a sustentabilidade econômica, a promoção da soberania e a

segurança alimentar, com o fortalecimento da resiliência comunitária e a defesa dos direitos nas comunidades. Essa chamada integrou a [Aliança entre Fundos](#), surgida da mobilização comunitária pela justiça racial, social e ambiental, como forma de apoiar os grupos que seguem enfrentando os maiores desafios relacionados à pandemia, propondo um novo modo de atuação no ecossistema da filantropia no Brasil, a chamada filantropia colaborativa para a justiça social.

Composta pelo [Fundo Baobá para Equidade Racial](#), [Fundo Brasil de Direitos Humanos](#) e Fundo Casa Socioambiental, a Aliança entre Fundos tem como meta promover maior aporte de recursos diretos para os povos indígenas, as comunidades quilombolas e outros povos tradicionais mais vulneráveis em relação à pandemia da covid-19.



FUNDO EMERGENCIAL PARA APOIO A DEFENSORAS E DEFENSORES DE MEIO AMBIENTE & JUSTIÇA CLIMÁTICA

Há 3 anos, estamos trabalhando no apoio a defensoras e defensores, sempre discutindo e articulando com um conjunto de atores dentro e/ou próximo aos territórios mais afetados: os próprios defensores, advogados populares, financiadores, organizações locais de defesa de direitos, entre outros.

PRINCIPAIS TEMAS APOIADOS*



Saneamento

10 projetos
R\$ 724.175,00



Energia

24 projetos
R\$ 863.053,50



Proteção de florestas

131 projetos
R\$ 5.618.680,36



Recursos hídricos

81 projetos
R\$ 2.771.702,60



Segurança e soberania alimentar

147 projetos
R\$ 5.492.363,84



Fundos comunitários

22 projetos
R\$ 916.603,66



Covid-19

133 projetos
R\$ 4.282.607,04



Hidrelétrica

15 projetos
R\$ 596.177,30



Gênero

95 projetos
R\$ 3.502.065,79



Reflorestamento

44 projetos
R\$ 1.577.191,92



Agroecologia

153 projetos
R\$ 5.556.539,92



Mudanças climáticas

137 projetos
R\$ 6.327.177,90



Geração de renda

136 projetos
R\$ 4.778.869,14



Apoios emergenciais

33 projetos
R\$ 928.483,83

*Um projeto pode ter mais de um tema



JUNTOS, OS APOIOS REALIZADOS
PELOS PROGRAMAS DO FUNDO
CASA ATINGIRAM:

414.688

Famílias atendidas pelos projetos

622.675

Pessoas beneficiadas diretamente

10.363.414

Pessoas beneficiadas indiretamente

APOIOS PARA O ENFRENTAMENTO DA COVID-19

A pandemia da covid-19 afetou, severamente, as populações mais vulneráveis, em especial as comunidades menos favorecidas. O Brasil é um país continental e com grande diversidade. Com isso, a pandemia foi uma tragédia que afetou diferentes grupos de formas diversificadas. A infraestrutura nacional é distribuída de maneira desigual. E os serviços e as políticas públicas podem demorar meses para chegar a lugares mais distantes, com pouco ou nenhum acesso a meios de comunicação.

Atento a isso, o Fundo Casa lançou, em 2021, dentro do Programa Fortalecendo Comunidades, as Convocatórias de Projetos, direcionadas a grupos de base comunitária

e a comunidades tradicionais. Ao todo, foram duas chamadas, as quais contemplaram 158 projetos e mais de R\$ 5 milhões doados para distintas regiões do Brasil.

Nessas chamadas, ressaltamos a participação de organizações lideradas pela comunidade indígena, populações que sofrem um número crescente de ataques a seus territórios e a sua cultura. Em meio à pandemia, as invasões aos territórios e o enfraquecimento da fiscalização e de regulamentações se tornaram corriqueiros. Visando à preservação desses povos nas próprias terras, os apoios a esses projetos se tornam ainda mais essenciais.

ENFRENTAMENTO DA COVID-19 EM 2021

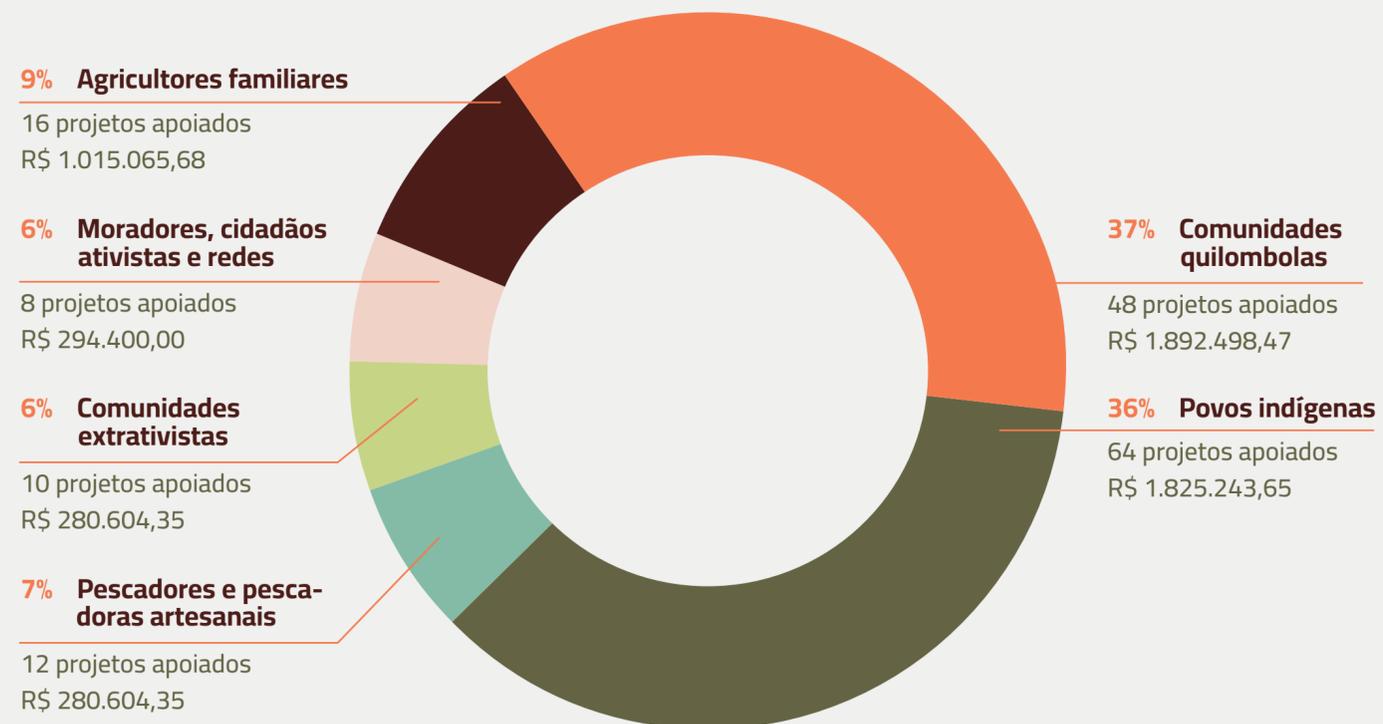


FOTO: THIAGO RODRIGUES/QUILOMBO DOS RUFINOS

FORTALECIMENTO DE CAPACIDADES



“ Com a energia solar, as famílias que tinham ‘gato’ puderam retirar. Agora há energia à noite, por conta das baterias. Durante o dia, as famílias utilizam a energia solar (sem depender da bateria) para levar água do poço para suas casas”.

**ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES
ARCO-ÍRIS – AMAI**



Objetiva promover o aprendizado, visando à autonomia e à independência dos grupos, com o propósito de que estes consigam gerir as próprias organizações e, assim, alcancem a sustentabilidade organizacional.

É preciso proporcionar condições para que cada vez mais grupos possam receber o apoio financeiro direto. Para isso, é necessário criar condições para que eles se fortaleçam na gestão dos próprios projetos, na gestão financeira, na comunicação institucional e na gestão da própria associação, sempre atentos à legislação em vigor e à busca constante por boas práticas.

Em decorrência da pandemia, esse programa passou a ser 100% virtual. Por um lado, tivemos uma limitação no acompanhamento presencial. Por outro, foi possível o aumento do número de participantes nos grupos.

O programa contempla os seguintes módulos:

OFICINA 1 - Boas-vindas aos grupos e atuação em rede.

OFICINA 2 - Boas práticas na gestão financeira e prestação de contas.

OFICINA 3 - Boas práticas na gestão administrativa

OFICINA 4 - Dicas para o fortalecimento e o desenvolvimento institucional.

OFICINAS ESPECÍFICAS POR PROGRAMA com recortes temáticos ou territoriais (a depender da necessidade).

Desde a reestruturação do Programa Fortalecimento de Capacidades, o que ocorreu em 2020, foram realizadas mais de:

+70 OFICINAS REALIZADAS

1000 PESSOAS ALCANÇADAS

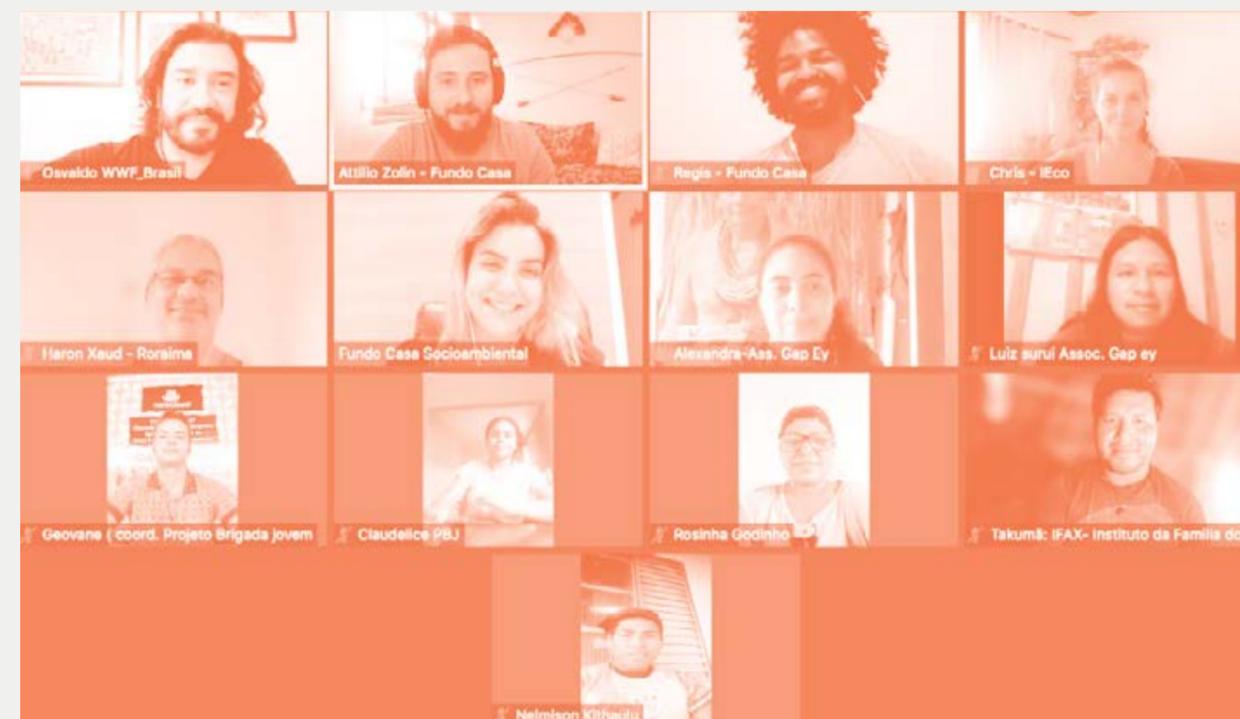
400 ORGANIZAÇÕES ENVOLVIDAS

Desse somatório, só em 2021:

27 WORKSHOPS FORAM REALIZADOS

295 ORGANIZAÇÕES ENVOLVIDAS

REGISTROS DAS OFICINAS REALIZADAS EM 2021



PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E APRENDIZADOS – COMUNICAÇÃO

“ O distanciamento social revelou uma faceta importante: as famílias assentadas conseguiram superar a falta de um acompanhamento sistemático com a valorização de seus saberes. Conseguiram replicar o canteiro inicial da agrofloresta e ir além.”

INSTITUTO DE TERAPIA CORPORAL
PARA O DESENVOLVIMENTO
HUMANO E COMUNITÁRIO

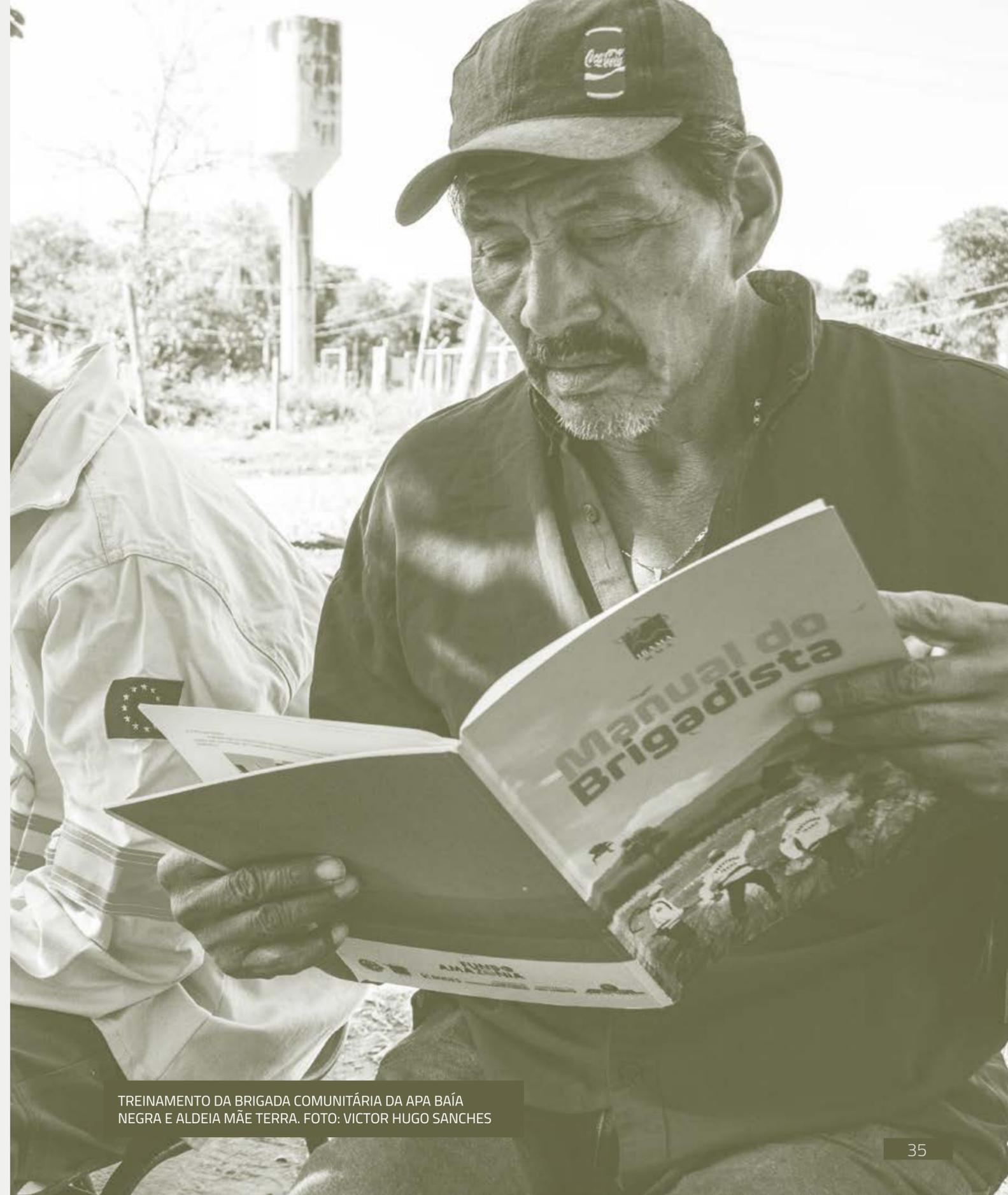


Desde 2020, estamos construindo narrativas para mostrar o tamanho da mobilização gerada pelas comunidades, como elas produzem contrapartidas significativas na proteção dos ecossistemas e nas soluções locais que são desenvolvidas por meio dos projetos apoiados, promovendo uma sociedade mais justa, por meio de ações sustentáveis.

A comunicação do Fundo Casa está voltada para contar essas histórias, produzir narrativas a partir de dados, depoimentos e do conhecimento gerado por tantos apoios realizados.

Em 2021, trabalhamos nas seguintes peças, campanhas e publicações:

- **Produção de 19 matérias originais, escritas por integrantes da equipe do Fundo Casa ou em colaboração com organizações apoiadas;**
- **Lançamento e divulgação de 4 chamadas de projetos;**
- **Organização e realização de 3 webinários;**
- **Campanha de encerramento da Primeira etapa do Programa Casa Cidades, com a criação e a publicação de 3 vídeos longos e 30 pílulas para mídias sociais;**
- **Presença em diversas mídias sociais, como Facebook, Instagram, LinkedIn, Twitter e YouTube, que, juntas, somam mais de 19 mil seguidores;**
- **Disparo de 38 campanhas por e-mail para mais de 2.200 assinantes cadastrados.**



TREINAMENTO DA BRIGADA COMUNITÁRIA DA APA BAÍA NEGRA E ALDEIA MÃE TERRA. FOTO: VICTOR HUGO SANCHES

A publicação Filantropia Socioambiental nas Cidades é composta por 17 artigos, organizados em 4 capítulos, escritos por 28 autores do Programa Casa Cidades. É o primeiro livro lançado oficialmente pelo Fundo Casa. A obra relata os desafios e as experiências para a construção de cidades social e ambientalmente justas, na óptica dos projetos apoiados pelo Programa Casa Cidades.

[Clique aqui para baixar a publicação.](#)



FOTO: A PUBLICAÇÃO FILANTROPIA SOCIOAMBIENTAL NAS CIDADES É O PRIMEIRO LIVRO LANÇADO PELO FUNDO CASA



BRIGADISTAS DA BRAL EM MEIO A FUMAÇA E NEBLINA APÓS UMA NOITE INTENSA DE COMBATE ÀS CHAMAS, NA CHAPADA DIAMANTINA. FOTO: AÇONY SANTOS.

Foto que ilustra a matéria especial Fortalecendo redes contra o fogo, com entrevistas e depoimentos sobre a importância dos 49 projetos apoiados em uma chamada que teve como objetivo apoiar brigadas comunitárias, para que estas pudessem se preparar e se equipar antes da temporada de incêndios florestais de 2021.

RESUMO DE 2019-2021

“ Hoje toda a área reservada está plantada e é o ‘cartão-postal’ da comunidade, motivo de orgulho. A Casa de Farinha foi concluída e transformou-se em uma cozinha coletiva. Esse foi um resultado muito importante, na medida em que as famílias assentadas caminharam com ‘as próprias pernas’.”

**ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO
CENTRO DE ANTERO DO SANTEIRO VIANA**



Quando falamos de apoio às soluções sustentáveis para as comunidades, certamente, aparecem os desafios. E um deles é de escala: como replicar modelos em realidades e populações tão peculiares e com tanta diversidade de raça e cultura. Outro desafio refere-se a reconhecer a conexão entre as diversas dimensões existentes nos territórios onde as comunidades estão envolvidas e que são intrinsecamente conectadas à saúde, educação, renda e o quanto qualquer evento pode interferir nesse cenário.

Para vencer esses desafios, é necessário olhar para os territórios como um todo. Um bioma que contém

vários tipos de ocupação humana, ao mesmo tempo que precisa ser protegido, regenerado e oferecer condições dignas de vida às suas populações, não pode ter a integridade colocada em risco. Para isso ser possível, é preciso entender essas realidades a partir do pensamento sistêmico. Como qualquer organismo vivo, do corpo humano ao próprio planeta, os biomas possuem um sistema inteligente de autorregulação que mantém e protege a vida. Nesse processo, cada parte tem uma função na manutenção do equilíbrio do sistema, inclusive todos os seres que nele vivem. Quando qualquer uma das partes entra em desequilíbrio, isso pode impactar o todo de forma

negativa. Quanto maior a capacidade e a rapidez com que as outras partes do sistema conseguem identificar o distúrbio (ou seja, a capacidade de comunicação e feedback), mais rápido conseguem corrigi-lo e voltar a equilibrá-lo. Partindo dessa abordagem, o Fundo Casa faz suas contribuições, mantém-se parte das relações, das comunicações internas, das redes, de todo o universo onde se propõe a atuar. Ao se identificar os pontos onde uma interferência no sistema pode ser positiva, pode-se transformar um círculo vicioso num círculo virtuoso – é como buscamos fazer com nossas contribuições. E, no nosso caso, são muitas contribuições simultâneas em várias partes



REESTRUTURAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA PIMENTA WAUJA. FOTO: ASSOCIAÇÃO INDÍGENA TULUKAI, POVO WAUJA.

do sistema, impulsionando diversos fatores para, em conjunto, produzirem muitos círculos virtuosos que se conectam e se retroalimentam. Unidas a múltiplos fatores positivos dentro do próprio sistema (como o conhecimento local, a determinação e a vontade das comunidades, e tantos outros), dão robustez a essa trama de autocura e regeneração do todo. Dentro dessa visão, cada comunidade e grupo avalia o próprio território e propõe soluções envolvendo uma gama de aspectos, lidando com todo o contexto e as relações que ali existem. O pequeno apoio é uma entrada ou um ponto de inserção no sistema para impulsionar processos positivos. Essa engrenagem, quando estimulada de forma cuidadosa e atenciosa, é capaz de gerar resultados para além do estímulo, de forma exponencial, bem como fomentar outras inúmeras conexões. O Fundo Casa, por meio de seus programas, vem apoiando sistematicamente os processos das comunidades para o bem viver, projetos que fortalecem os direitos socioambientais das comunidades e que se

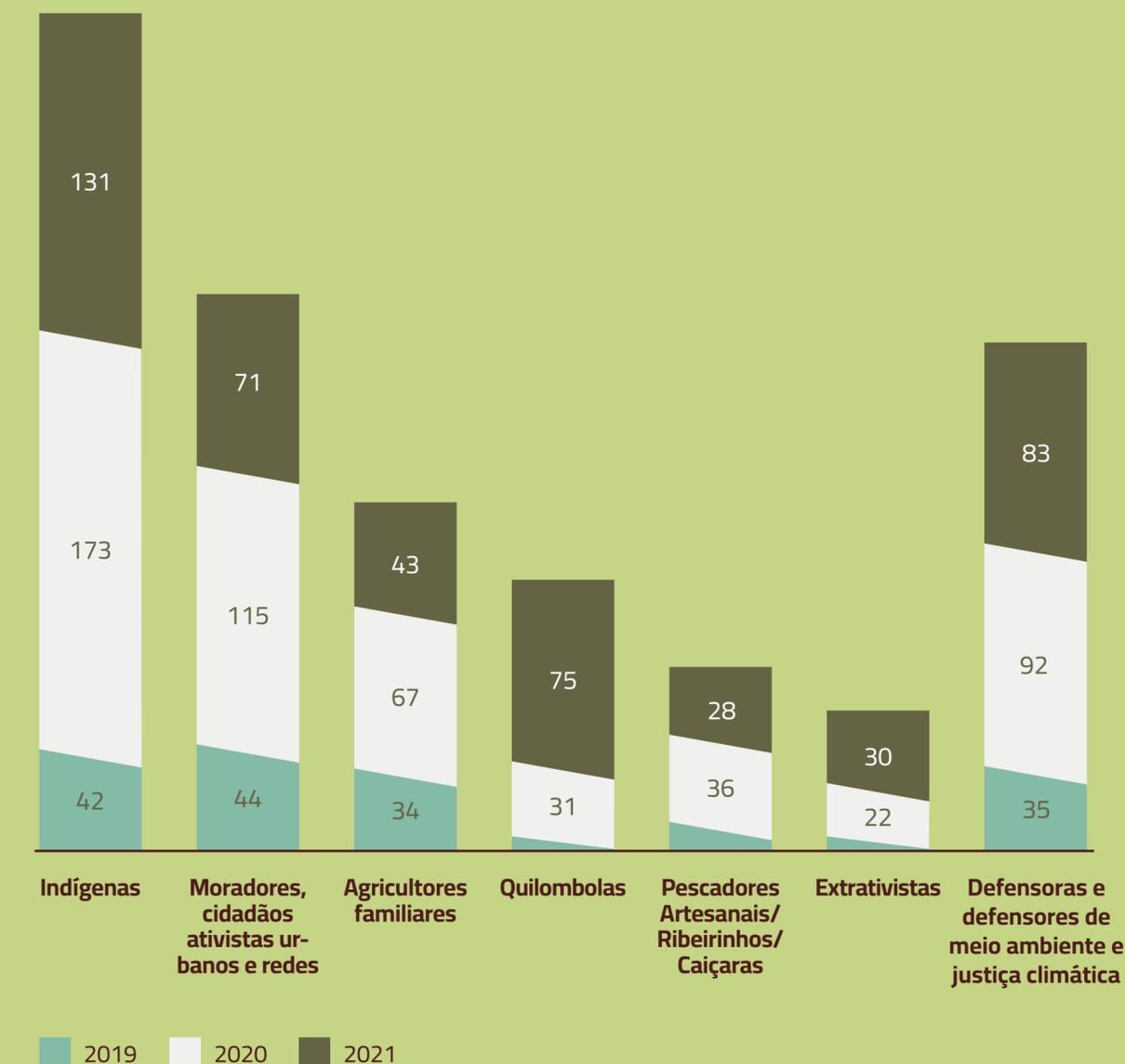
conectam com o enfrentamento das mudanças do clima, tema para o qual chamamos a atenção neste resumo de nossa atuação entre 2019 e 2021.

No caso do enfrentamento das mudanças climáticas, apenas nesses 3 últimos anos, foram doados mais de R\$ 36 milhões de reais (+ US\$7 milhões) a mais 1.100 projetos.

Nosso público prioritário das doações do período de 2019 a 2021 refere-se às populações mais vulneráveis (Grupos Populacionais Tradicionais e Específicos – GPTE, definidos no Cadastro Único – instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, o qual permite que o governo conheça melhor a realidade socioeconômica dessa população), definidas pelo Plano Nacional de Adaptação como as que serão mais afetadas pelas mudanças do clima.

Os apoios diretos realizados pelo Fundo Casa atenderam a esse público prioritário, como se vê na tabela a seguir.

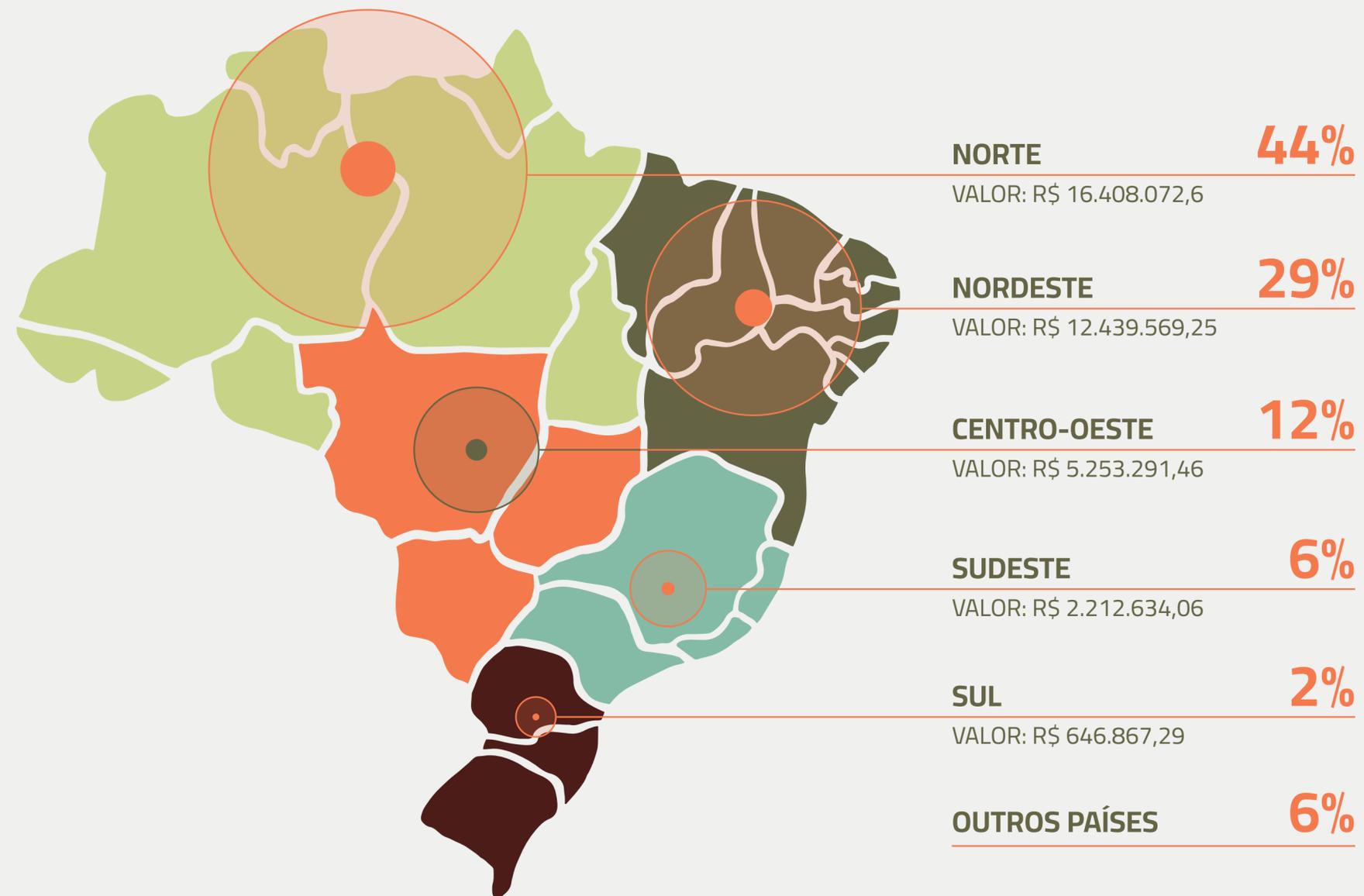
GRUPOS APOIADOS



ATUAÇÃO NOS TERRITÓRIOS PRIORITÁRIOS

De acordo com as projeções climáticas constantes no Plano Nacional de Adaptação às Mudanças do Clima e os territórios mais vulneráveis, o Fundo Casa está atuando nos locais vulneráveis. Em nossa atuação de 2019 a 2021, 80% dos apoios foram nos territórios mais vulneráveis.

TOTAL DE APOIOS POR REGIÃO ENTRE 2019 A 2021





MARCHA DAS MULHERES INDÍGENAS EM BRASÍLIA.
FOTO: ACERVO DA ASSOCIAÇÃO INDÍGENA DO POVO
ARARA DA CACHOEIRA SECA (KOWIT)

TEMAS QUE SE CONECTAM NOS APOIOS (PERÍODO ENTRE 2019 E 2021)

Os projetos apoiados pelo Fundo Casa, em geral, possuem temas que se conectam entre si e possuem **conexões diretas com mitigação e adaptação climática** (2019-2021), conforme demonstrado a seguir.



EIXO JUSTIÇA AMBIENTAL

Defesa de Direitos Humanos e Ambientais/Vigilância e monitoramento do território

132 projetos
R\$ 4.746.175,40

Proteção de Florestas

236 projetos
R\$ 10.523.296,29



EIXO CONTROLE SOCIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

Fortalecimento de Capacidades, Incidências. Mobilizações, Direitos das Populações Tradicionais

117 projetos
R\$ 4.429.347,38



EIXO COMUNIDADES URBANAS

Mobilidade ativa, conexão campo-cidade, territórios colaborativos

132 projetos
R\$ 6.324.853,39



EIXO DEFENSORAS E DEFENSORES DE MEIO AMBIENTE & JUSTIÇA CLIMÁTICA

83 projetos
R\$ 6.324.853,39



EIXO GERAÇÃO DE RENDA

Manejo integrado de cadeias produtivas/certificação/comercialização/estoques

247 projetos
R\$ 8.225.697,56



EIXO SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS

Acesso à água/energia/saneamento/resíduos sólidos

269 projetos
R\$ 8.079.224,49



EIXO SEGURANÇA SOBERANIA ALIMENTAR

Agroecologia/ agricultura familiar

272 projetos
R\$ 8.576.162,87



EIXO ENERGIA

Impactos por megaprojetos – energia e transição energética

52 projetos
R\$ 950.203,50

PARCEIROS FINANCEIROS DO FUNDO CASA EM 2021



FOTO: ACERVO SALVE MARACÁIPE

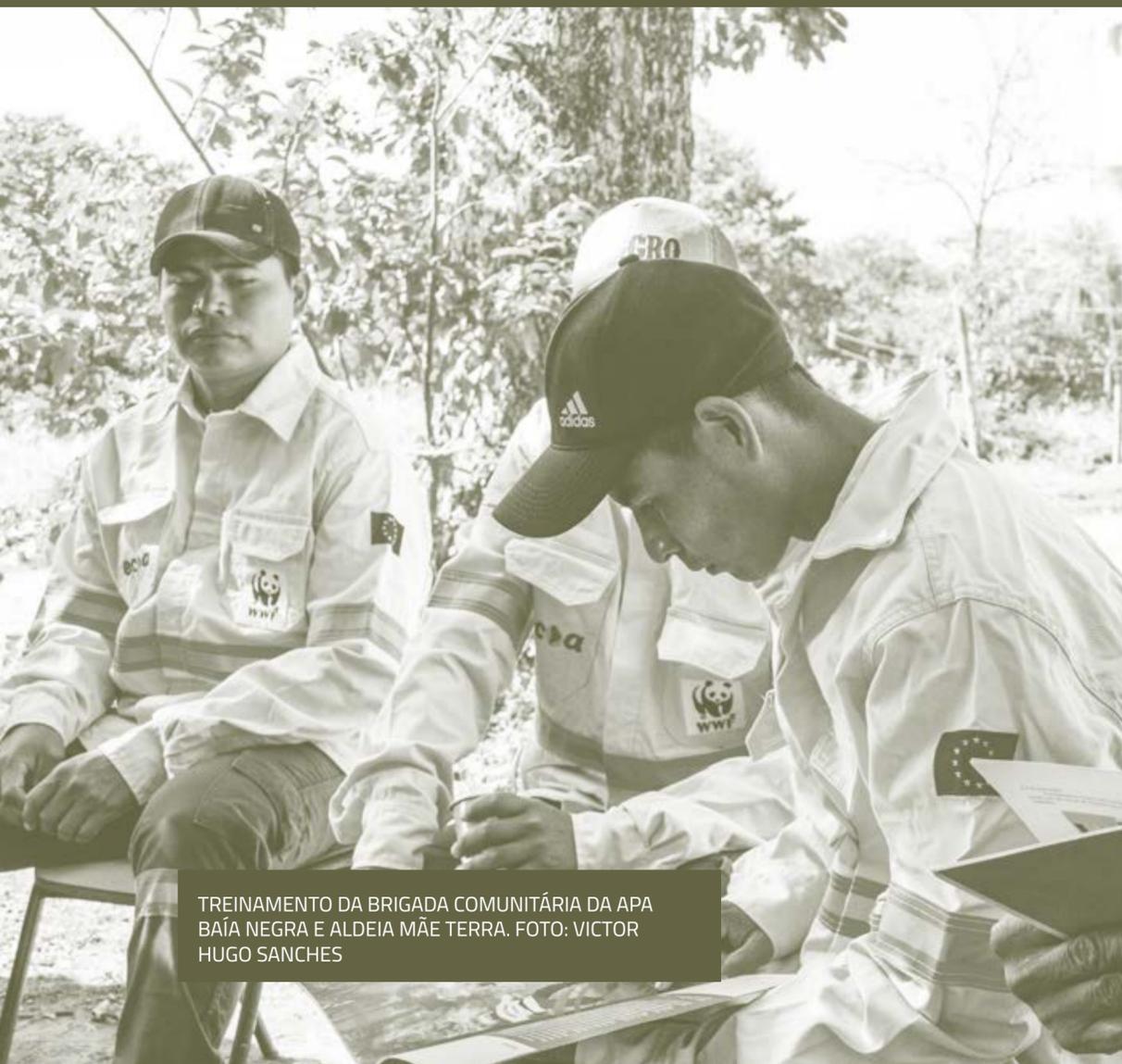
- Amazon Watch
- Be The Earth Foundation
- Both ENDS
- Charles Stewart Mott Foundation
- Embaixada da França no Brasil
- Embaixada Real da Noruega no Brasil
- Fondo De Acción Urgente – FAU
- Foundation de Luxembourg
- Frontline Defenders
- Full Circle Foundation

- Fundo Socioambiental Caixa
- Global Giving
- Global Greengrants Fund
- IAF – Inter-American Foundation
- Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN
- Oak Foundation
- Open Society Policy Center
- Porticus
- Prism The Gift Fund

- Rockefeller Philanthropy Advisors
- Synchronicity Foundation
- The Roddick Foundation
- The Savitri Waney Charitable Trust
- Thousand Currents
- Wellspring Philanthropic Fund
- WWF Brasil



RESUMO FINANCEIRO



TREINAMENTO DA BRIGADA COMUNITÁRIA DA APA
BAÍA NEGRA E ALDEIA MÃE TERRA. FOTO: VICTOR
HUGO SANCHES

DESPESAS COM GRUPOS APOIADOS	VALORES EM R\$	VALORES EM US\$	%
Doações diretas	R\$ 17.318.381,90	US\$ 3.463.676,38	76,78%
Fortalecimento de Capacidades Apoiados – apoio indireto	R\$ 1.342.007,79	US\$ 268.401,55	5,95%
Subtotal com apoiados	R\$ 18.660.389,69	US\$ 3.735.000,00	82,73%
Fortalecimento de Redes	R\$ 411.509,18	US\$ 82.301,83	1,82%

CUSTOS COM OPERAÇÃO E CUSTOS ADMINISTRATIVOS	VALORES EM R\$	VALORES EM US\$	%
Equipe em geral	R\$ 2.256.228,41	US\$ 451.245,68	10,00%
Despesas administrativas e financeiras	R\$ 351.378,13	US\$ 70.275,62	1,56%
Monitoramento e avaliações	R\$ 686.933,78	US\$ 137.386,76	3,05%
Subtotal com operação	R\$ 3.294.540,32	US\$ 658.908,06	14,61%

DESPESAS DE FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL	VALORES EM R\$	VALORES EM US\$	%
Fortalecimento Institucional/ Comunicação/ Estudos e Avaliações	R\$ 188.544,61	US\$ 37.708,92	0,84%
Total Geral Executado em 2021	R\$ 22.554.983,80	US\$ 4.510.996,76	100,00%

O ano de 2021 foi importante para o Fundo Casa, pois colocamos em prática a experiência adquirida com as dificuldades enfrentadas nos anos anteriores.

O aumento no número de parceiros que chegaram para somar a nós e o de doações refletem isso. Conseguimos acolher os novos desafios e, ao mesmo tempo, ampliar o apoio às soluções.

Além dos impactos trazidos pela pandemia (que ainda está longe de acabar), também avistamos outros desafios, com destaque para os efeitos negativos que já

estão sendo provocados pelas mudanças climáticas e devem se tornar ainda mais intensos em um futuro próximo. Como consequência dessas mudanças, a quantidade de queimadas, de inundações, de secas e de outros eventos extremos se torna cada vez mais frequente e, a cada dia, mais pessoas são duramente atingidas por esses desastres.

Fizemos o nosso melhor no ano de 2021, firmes na missão de apoiar as comunidades, com nossa valorosa equipe, que se dedica para atender as comunidades no menor tempo possível, com nossos parceiros financeiros, que entendem nosso propósito, nossas premissas e nossos valores, e com nosso Conselho, que privilegia uma governança horizontal, inclusiva, baseada na confiança e no respeito.

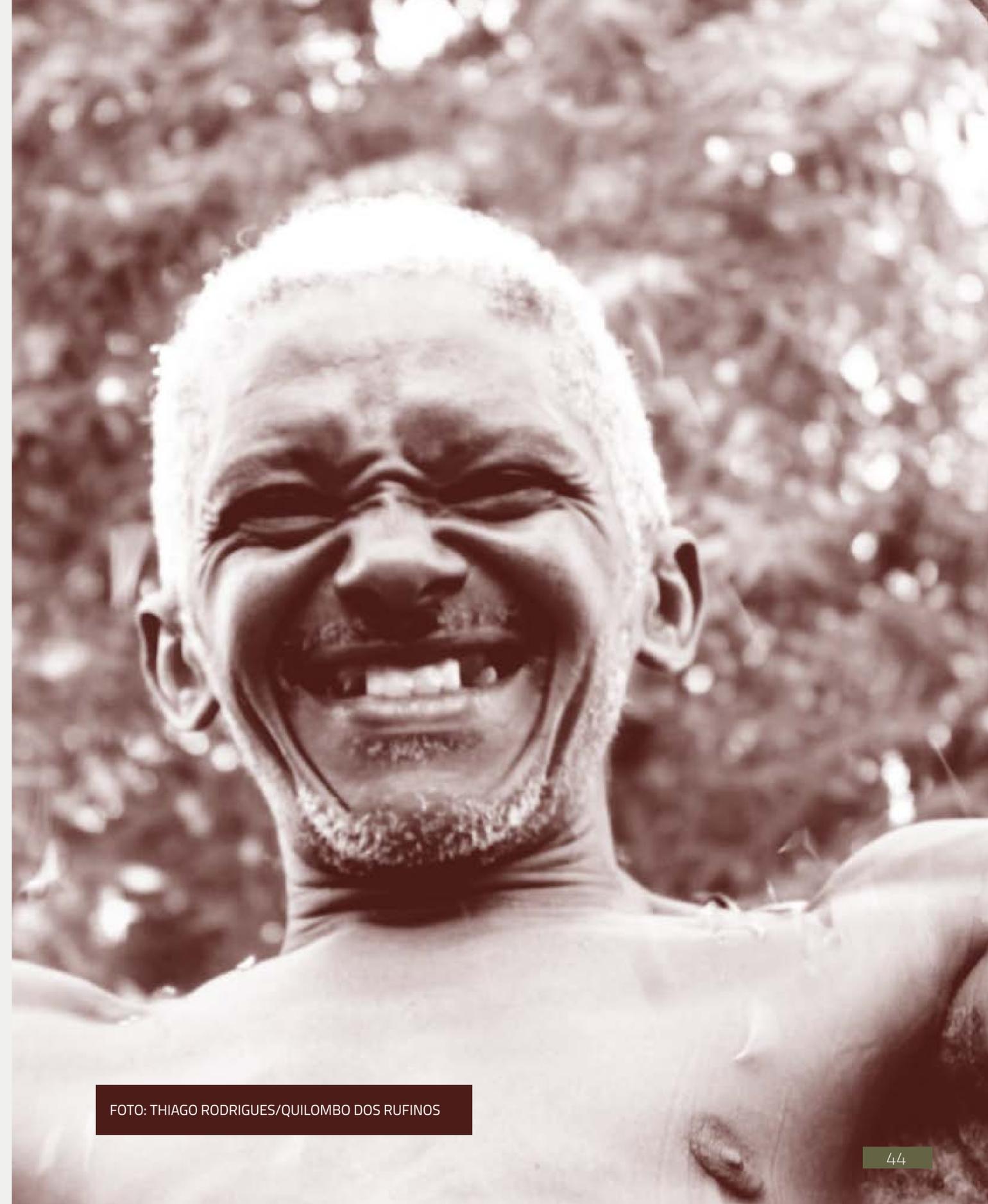


FOTO: THIAGO RODRIGUES/QUILOMBO DOS RUFINOS

ANEXOS

ESTRUTURA CASA

DOSSIÊ CASA

RELATÓRIO DE AUDITORIA 2021

